



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
ESCOLA DE BELAS ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
EM ARTES VISUAIS



CIDADE GRAVADA
UMA GEOGRAFIA DO IMPREVISTO

Adriano Luiz Ramos de Castro

Dissertação de Mestrado

Salvador (Bahia), 2010



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
ESCOLA DE BELAS ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
EM ARTES VISUAIS



CIDADE GRAVADA
UMA GEOGRAFIA DO IMPREVISTO

ADRIANO LUIZ RAMOS DE CASTRO

Professor Orientador: Roaleno Ribeiro Amâncio Costa

Dissertação de Mestrado apresentada ao Colegiado do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais, da Escola de Belas Artes, Universidade Federal da Bahia, como pré-requisito obrigatório para a obtenção do grau de Mestre, da área de concentração em Artes Visuais.

Salvador (Bahia), 2010

Universidade Federal da Bahia. Escola de Belas Artes

C 355 Castro, Adriano Luiz Ramos de.

Cidade gravada: uma geografia do imprevisto / Adriano Luiz Ramos de Castro - 2010.

263 f.: il

Orientador: Prof.^o Dr.^o Roaleno Amâncio Costa.

Dissertação – Universidade Federal da Bahia. Escola de Belas Artes. 2010.

I. Gravura. I. Costa, Roaleno Amâncio. II. Universidade Federal da Bahia. Escola de Belas Artes. III. Título.

CDU – 76

COMISSÃO EXAMINADORA:

- Professor Doutor Roaleno Ribeiro Amâncio Costa (UFBA)

- Professor Doutor Juarez Paraíso (UFBA)

- Professor Doutor Arthur Lara (USP)

FONTES DE FINANCIAMENTO:

- Bolsa CAPES (Duração de 01 ano)

AGRADECIMENTO:

À minha família, em especial, ao meu pai Marco Aurélio de Castro, à minha mãe Carmen Castro, ao meu irmão Marco Aurélio de Castro Júnior que sempre me apoiaram e me incentivaram em tudo o que me propus a fazer, sobretudo nos estudos.

À minha sobrinha Maria Fiamenghi de Castro, que pela sua existência, me faz cada vez mais olhar o futuro com otimismo e vontade de crescer.

Ao meu orientador, prof. Dr. Roaleno Ribeiro Amâncio Costa (Recruta Zero), por sua amizade e por tudo que fez por mim, não só na vida acadêmica, quanto em minha vida pessoal.

Aos meus avôs Claudionor Ramos e Oscar Hilário de Castro e avó Hilda Castro, que de onde estiverem sei que estão do meu lado e que sempre contribuíram para meu desenvolvimento como ser humano e à minha avó Joselina Ramos que com sua garra e força é exemplo para mim.

Ao meu amigo e colega de guerrilha urbana André Falcão, vulgo *Falcon*, pela dedicação e paciência nas nossas ações urbanas e em nossa relação pessoal.

Ao meu amigo, Baldomiro Costa, pelas aulas em serigrafia e apoio irrestrito a esta dissertação, sempre solícito a cooperar e ensinar.

Aos professores do MAV, em especial à prof. Dra. Maria Hermínia e Eliane Lins e a todos os meus colegas de turma do mestrado, que assim como eu concluíram suas dissertações sempre comprometidos com a arte, em sua prática ou em sua teoria.

Aos amigos de uma vida inteira como artista e aos colaboradores, pelo apoio e pela maneira como sempre me trataram e me respeitaram durante o curso de mestrado, em minha vida artística e acadêmica: Adalberto Alves, Taciana Costa, secretária do mestrado, Juarez Paraíso, Sante Scaldaferrì, Matilde Matos, Claudine Toulìer, ao meu padrinho Osvaldo Castro, William A., Lêda bibliotecária, Edson e Tico da carpintaria, Gerônimo, aos funcionários da limpeza da EBA, Manoel, André, Robério e Batista, ao grande mestre

gravador e incentivador Mestre Duda, aos amigos e professores Julian Wrobel e Márcia Magno, aos colegas de mestrado e artistas plásticos Bené Santana e Devarnier Hembadon. Nada aconteceria sem a participação deles. Meu muito obrigado a todos, embora isso seja pouco.

ÍNDICE

Índice de Figuras

I.	RESUMO	16
II.	ABSTRACT	17
III.	INTRODUÇÃO	18
IV.	CAPÍTULOS	22
I.	CAPÍTULO	22
	I. 1. BREVE HISTÓRIA DA GRAVURA NA BAHIA	23
	I. 2. OUTROS CAMINHOS DA GRAVURA	62
II.	CAPÍTULO.....	72
	II. 1. MODERNIDADE E CONTEMPORANEIDADE, NA EXPERIÊNCIA URBANA	73
	II. 2. TEMPO URBANO E GEOGRAFIA DO IMPREVISTO	81
	II. 3. CIDADE E ARTE DE REPRODUÇÃO	95
	II. 4. ARTE CARTAZ, ARTE OUTDOOR, ADESIVOS (STICKERS) E LAMBE-LAMBE	103
III.	CAPÍTULO	122
	III. 1. TECNICAS TRADICIONAIS E RUPTURAS	123
	III. 2. A IMAGEM DA GRAVURA NO ESPAÇO URBANO	129
	III. 3. PLACAS, POSTES, MUROS: NOVOS SUPORTES PARA A GRAVURA	136
	III. 4. PONTUAÇÕES DE PERCURSOS: INTERVENÇÕES SÍGNICAS	140
IV.	CAPÍTULO.....	144
	IV. 1. CIDADE GRAVADA	145
	IV. 2. AÇÕES URBANAS: O ATELIÊ, A RUA, MÉTODOS E PROCESSOS	158
	IV. 3. O ESPAÇO RESSIGNIFICADO – OUTRO OLHAR	173
V.	CONSIDERAÇÕES FINAIS	178
VI.	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	183
VII.	APÊNDICES	189
	VII. 1. UMA BREVE HISTÓRIA DA GRAVURA NO MUNDO	190

VII. 2. BREVE HISTÓRIA DA GRAVURA NO BRASIL	228
VIII. ANEXOS	261
VIII. 1. VIDEO CHAPADA GRAVADA	262
VIII. 2. FICHAMENTO PARA ENTREVISTAS	263

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 01. Castro, painel na Avenida Garibaldi, 1999.....	19
Figura 02. Cravo. <i>Sem título</i> , 1958. Água-tinta	27
Figura 03. Lazzarotto. <i>Sem título</i> , Sem data. Água-forte.....	28
Figura 04. Bahia, <i>Death of FBI Hoover</i> . 1972. Xilogravura.....	30
Figura 05. Neto. <i>Sem título</i> , Sem data. Xilografia.....	32
Figura 06. Paraíso. <i>Homenagem ao Kamasutra</i> , 1981. Litografia.....	34
Figura 07. Araújo. <i>Sem título</i> , Sem data. Xilogravura.....	35
Figura 08. Duda. <i>Figura di Bahia</i> , Sem data. Xilografia.....	38
Figura 09. Lima. <i>O Mistério</i> , 2000. Xilografia.....	39
Figura 10. Magno. <i>Composição Abstrata</i> , 2000. Xilografia.....	40
Figura 11. Baldomiro. <i>Auto-retrato</i> , 2005. Serigrafia.....	42
Figura 12. Macedo. <i>Sem título</i> , 2005. Xilografia.....	43
Figura 13. Crispim, <i>Cangaceiro</i> , Sem data. Xilografia.....	44
Figura 14. Oliveira. <i>Sem título</i> , 2007. Litografia.....	45
Figura 15. Castro. <i>Construindo</i> , 2007. Xilografia e Linóleografia.....	47
Figura 16. Rocha. <i>Doura Prateia Niquela Bronzeia Oxida</i> , 2005. Transferência de tonner para metal.....	48
Figura 17. Guinho. <i>Cicatriz Pulmão</i> , 2008. Serigrafia.....	49
Figura 18. Sanches. <i>Invasão do Inferno</i> , 2000. Gravura em metal.....	50
Figura 19. Arcanjo. <i>Sem título</i> , Sem data. Xilografia.....	51
Figura 20. Dantas. <i>Voracidade no Olhar</i> , 2008. Transferência com gasolina.....	52
Figura 21. A. <i>Copos</i> , 2005. Litografia.....	53
Figura 22. Sybine. <i>Imagens do Arruinamento</i> , 2008. Xilografia.....	54
Figura 23. Alves, <i>Sem título</i> , 2005. Monotipia.....	55
Figura 24. Dórea. <i>Sem título</i> , Sem data. Serigrafia.....	58
Figura 25. Maxado. <i>Horóscopo das Bichas</i> , Sem data. Xilografia.....	59
Figura 26. Scaldaferrri. <i>Sonho</i> , 2001. Infogravura.....	61
Figura 27. W.A. <i>Gravura em conserva</i> , 2007. Gravura experimental.....	62
Figura 28. Castro. <i>Gravura para Vestir</i> , 2008.....	63
Figura 29. Castro. <i>Gravura Urbana</i> , 2008.....	64
Figura 30. Terra. <i>Some hope</i> , 2008. Gravura experimental.....	65
Figura 31. ArtOrg. <i>Gravura com Rolo-compressor</i> , 2006.....	66

Figura 32. ArtOrg. Colocando o papel sobre o tapume, 2006.....	66
Figura 33. Scaldaferrri, <i>Perseguida pela sombra</i> , 2001. Infogravura.....	68
Figura 34. Paraíso, <i>Arte computacional</i> , 1995. Infogravura.....	70
Figura 35. Castro, <i>Parkplatz</i> , 2009. Infogravura.....	71
Figura 36. Pedras no Viaduto dos Marinheiros, na Cidade Nova, centro do Rio de Janeiro, 2010.....	76
Figura 37. Shopping Palladium, Curitiba.....	77
Figura 38. Praça transformada na <i>City of Names</i> em Berlin.....	79
Figura 39. Banksy, <i>Happines</i> stencil. 2001.....	84
Figura 40. Appropriate Media, pixação sobre o trabalho de Banksy.....	84
Figura 41. Trabalho de Zevs, na China. 2007.....	86
Figura 42. Zevs, com a máscara que utiliza em suas ações urbanas.....	86
Figura 43. Le Rat, colando o <i>American Soldier</i> num telhado de Londres. 2006.....	88
Figura 44. Le Rat, <i>David</i> . New York. 2006.....	88
Figura 45. Bicicleta adaptada por WK Interact para a prática da arte urbana.....	90
Figura 46. Trabalho de WK Interact nas ruas de Nova Iorque.....	90
Figura 47. Invader. Mosaicos Urbanos em Paris.....	92
Figura 48. Fairey, <i>Obey</i> , 1988.....	94
Figura 49. Fairey, <i>HOPE</i> , 2008.....	94
Figura 50. Pacote de Sticker e camiseta com a imagem de Obey.....	97
Figura 51. Fairey. <i>Obey-Giant</i> , 1989.....	98
Figura 52. Orr, <i>Protect</i> , 2008.....	99
Figura 53. <i>Infogravuras Urbanas</i> prontas.....	100
Figura 54. Trabalho de W.K. Interact, New York, 2007.....	101
Figura 55. Castro, <i>Infogravura Urbana</i> no Canela, Salvador, Bahia, 2009.....	103
Figura 56. Jules Cheret, Arte-Cartaz.....	105
Figura 57. Matisse, Arte-Cartaz, 1949.....	106
Figura 58. Zezão, Grafite no córrego à beira do Rio Tietê, 2007.....	107
Figura 59. Markuza, Lambe-lambe, Salvador, Bahia, 2008.....	108
Figura 60. Lixeira, exemplo de suporte para arte urbana, Berlin, Alemanha, 2007.....	109
Figura 61. Alessandra Cestac, Lambe-Lambe, São Paulo, 2007.....	111
Figura 62. Fairey, <i>Obey Giant</i> , 1989.....	115
Figura 63. <i>Obey Giant</i> nas ruas de Salvador, Bahia, 2008.....	116

Figura 64. Nelson Leirner. Arte-Outdoor, São Paulo, 1968.....	118
Figura 65. Grupo Manga Rosa. Arte-Outdoor, São Paulo, 1981.....	118
Figura 66. Regina da Silveira. Arte-Outdoor, São Paulo, 1982.....	120
Figura 67. Castro, <i>Infogravura Urbana</i> na LIPE, Salvador, Bahia, 2009.....	125
Figura 68. Retrato de Ram:Ell:Zee.....	126
Figura 69. Retrato de Jayme Fygura, Salvador, Bahia, 2000.....	127
Figura 70. O TWO, produzindo serigrafias.....	129
Figura 71. O TWO, <i>Hells Angels</i> , Serigrafia, 2007.....	130
Figura 72. NO LOGO produzindo serigrafias para Stickers.....	130
Figura 73. Trabalho em serigrafia de NO LOGO, Paris, França, 2005.....	131
Figura 74. Castro, <i>Gravura Urbana</i> na Avenida Contorno, Salvador, Bahia, 2009.....	132
Figura 75. Castro. <i>Gravura Urbana</i> na Avenida Bonocô, Salvador, Bahia, 2009.....	133
Figura 76. Bonomi, <i>Construindo São Paulo, São Paulo</i> ,1995.....	134
Figura 77. Castro. <i>Xilogravura Urbana</i> , Resende, Rio de Janeiro, 2009.....	136
Figura 78. Zevs, ação urbana nas ruas de Paris, França, 2000.....	138
Figura 79. Sinal de trânsito com stickers em New York, E.U.A., 2009.....	140
Figura 80. Castro, <i>Gravura Urbana</i> no Rio Vermelho, Salvador, Bahia, 2009.....	141
Figura 81. Castro, <i>Gravura Urbana</i> em serigrafia. 2009.....	142
Figura 82. Castro, <i>Gravura Urbana</i> na CODEBA, Salvador, Bahia, 2009.....	143
Figura 83. Castro, <i>Gravura Urbana</i> em serigrafia. 2009.....	148
Figura 84. Castro, <i>Infogravura Urbana</i> , Avenida Tancredo Neves, Salvador, Bahia, 2009.....	150
Figura 85. Castro, <i>Gravura Urbana</i> no Iguatemi. Salvador, Bahia, 2009.....	151
Figura 86. Castro, <i>Gravura Urbana</i> em Andaraí, Bahia. 2010.....	152
Figura 87. Castro, <i>Gravura Urbana</i> em Mucugê, Bahia. 2010.....	153
Figura 88. Castro, <i>Gravura Urbana</i> em Lençóis, Bahia, 2010.....	153
Figura 89. A escala humana da <i>Gravura Urbana</i>	155
Figura 90. Castro, <i>Gravura Experimental</i> em Azulejo. 2007.....	156
Figura 91. Castro, <i>Infogravura Urbana</i> no Campo Grande, Salvador, Bahia, 2008.....	157
Figura 92. Castro, <i>Gravura urbana</i> em módulo policial abandonado, Salvador, Bahia, 2009.....	160
Figura 93. Confecção da tela de serigrafia em grande formato.....	162
Figura 94. Telas de serigrafia já reveladas.....	163

Figura 95. Imprimindo sobre papel Kraft a cor azul.....	163
Figura 96. <i>Gravura urbana</i> pronta, impressa em serigrafia e policromia sobre papel....	165
Figura 97. Recorte da <i>Infogravura Urbana</i> com estilete.....	165
Figura 98. Colagem da <i>Infogravura Urbana</i>	166
Figura 99. <i>Infogravuras Urbanas</i> prontas para a aplicação.....	168
Figura 100. Sargento Rock, Lençóis, Bahia, 2010.....	169
Figura 101. Colagem no verso da <i>Gravura Urbana</i> , no local de aplicação na rua.....	170
Figura 102. Aplicação de cola sobre a <i>Gravura Urbana</i> após colocação na parede.....	172
Figura 103. Mapeamento da Escola de Belas Artes/ UFBA, Salvador, Bahia, antes da aplicação da <i>Gravura Urbana</i> , 2009.....	172
Figura 104. Mapeamento da Escola de Belas Artes da UFBA, Salvador, Bahia, com a <i>Gravura Urbana</i> já aplicada. 2009.....	172
Figura 105. Castro, <i>Gravura Urbana</i> na Avenida Contorno, Salvador, Bahia, 2009.....	175
Figura 106. Arte urbana utilizando-se de publicidade tradicional como suporte, Berlin, Alemanha, 2008.....	175
Figura 107. Trase, Arte urbana com sombra, Cingapura. 2007.....	176
Figura 108. Castro, <i>Gravura urbana</i> retirada da parede no Rio Vermelho, Salvador, Bahia, 2009.....	177
Figura 109. Companhia Moleza em Lençóis, Bahia, 2010.....	180
Figura 110. Colagem no posto do Salvamar na orla marítima, Salvador, Bahia, 2009...	182
Figura 111. Cilindro-selo de Lagash no Iraque	191
Figura 112. Gravura chinesa em pedra estampada em pergaminho. Século II a.C.....	191
Figura 113. Hokusai, Kobaky koyie <i>Levantando o seu mosqueiro debaixo do qual dorme o seu assassino</i> . Xilografia em fibra.....	192
Figura 114. Cartas com influências orientais do Século XV, Xilografia a fibra talhadas a canivete.....	193
Figura 115. Dürer. <i>O Cavaleiro a Morte e o Demônio</i> , 1513. Xilografia a fibra.....	195
Figura 116. Rembrandt. <i>Desenhando na Janela</i> , 1634. Água-forte.....	197
Figura 117. Piranesi. <i>Templo de Saturno e Arco de Septímio Severo</i> . 1764.....	199
Figura 118. Tiepolo. <i>O Nascimento de Jesus</i> . Sem Data.....	199
Figura 119. Blake. <i>A Queixa de Jó</i> , 1793. Água-forte e buril.....	201
Figura 120. Goya. <i>Isto é Pior</i> , 1812. Água-tinta.....	204
Figura 121. Goya. <i>Tauromaquia</i> , 1816. Água-tinta.....	204

Figura 122. Whistler. <i>The Lime-burner</i> , 1859. Ponta-seca.....	206
Figura 123. Daumier. Litografia para charge de jornal 1856.....	206
Figura 124. Lautrec, Litografia para capa de revista, 1893.....	207
Figura 125. Doré. <i>No Rio Mergulhou Satã e Tornou a Sair</i> . 1886. Litografia.....	209
Figura 126. Munch. <i>O Grito</i> , 1865. Xilografia a fibra.....	211
Figura 127. Morandi. <i>Casa de Campo em Grizzana</i> , 1929. Água-forte.....	212
Figura 128. Picasso. <i>Suíte Vollard</i> , 1933. Ponta Seca.....	213
Figura 129. Miró. <i>Sem Título</i> . Serigrafia sobre papel, 1971.....	214
Figura 130. Tápies. <i>Cartas para La Teresa</i> , 1973. Litografia.....	216
Figura 131. Chillida. <i>Elkar I</i> , 1969. Gravura em metal.....	217
Figura 132. Dalí. <i>Cristo no Apocalipse de São João</i> , 1958-1960. Gravura em metal.....	218
Figura 133. Warhol. <i>Auto-retrato</i> , 1965. Serigrafia.....	220
Figura 134. Lichtenstein. <i>Whaam!</i> 1963. Serigrafia sobre Tela.....	221
Figura 135. Haring. <i>Love</i> , 1986. Serigrafia sobre Tecido.....	222
Figura 136. Basquiat. <i>General Electric Waiter</i> , 1984. Serigrafia e Óleo sobre Tela.....	223
Figura 137. Kruger. <i>Sem Título</i> , 1991. Serigrafia e colagem sobre papel.....	224
Figura 138. José Henrique <i>Vídeo-performance com Gravura</i> , 2007.....	225
Figura 139. Lisandru Neamtu. <i>Gravura Experimental em pedra</i> , 2008.....	225
Figura 140. Scaldaferrri. <i>O Olhar do Ex-Voto</i> , 2001. Infogravura.....	226
Figura 141. Castro, <i>32 Rodin é Melhor que I</i> , 2008. Instalação-Gravura.....	228
Figura 142. Impressão Régia, Brasil 1810. Litografia.....	229
Figura 143. Brocos. <i>Retrato do Imperador D. Pedro II</i> . Água-tinta, 1885.....	231
Figura 144. Batista. <i>Antonio Silvino</i> , 1907. Xilografia.....	233
Figura 145. Borges. <i>A Ciranda dos Bichos</i> , 2005. Xilografia.....	235
Figura 146. Segal. <i>Mulheres Errantes</i> , 1919. Xilografia.....	236
Figura 147. Malfatti. <i>O Barco</i> , 1915-1916. Água-forte.....	237
Figura 148. Goeldi. <i>Chuva</i> , 1937. Xilografia.....	239
Figura 149. Abramo. <i>Sem título, sem data</i> . Xilografia.....	240
Figura 150. Tozzi. <i>Guevara, vivo ou morto</i> , Sem data. Serigrafia.....	244
Figura 151. Gerchman. <i>Virgem dos lábios de mel</i> , Sem data. Serigrafia.....	245
Figura 152. Grassmann. <i>Figuras</i> , 1974. Água-forte.....	246
Figura 153. Camargo. <i>Suíte manequins 3</i> , 1986. Serigrafia.....	248
Figura 154. Samico. <i>Criação das Sereias</i> , 2002. Xilografia.....	249

Figura 155. Bonomi. <i>"Liberdade Condicional"</i> 1965. Xilogravura.....	251
Figura 156. Jardim. <i>Raiz da serra</i> , Sem data. Água-forte.....	252
Figura 157. Geiger. <i>Olho</i> , Sem data. Água-forte.....	253
Figura 158. Araújo. <i>Sem título</i> , 1986. Litografia.....	254
Figura 159. Miranda. <i>Xilicidade</i> , Sem data. Xilografia.....	256
Figura 160. Maringelli. <i>Sem título</i> , 1985. Xilografia.....	257
Figura 161. Panunzio. <i>Sem título</i> , Sem data. Xilografia.....	258
Figura 162. Castro. <i>Free Palestine</i> , 2007. Linóleografia sobre Tela.....	260

I. RESUMO

A presente dissertação, desenvolvida no Mestrado em Artes Visuais da Escola de Belas Artes da Universidade Federal da Bahia, na linha de processos Criativos, aborda aspectos relacionados à utilização das técnicas gráficas tradicionais, aliada a arte urbana, como também os meios técnicos e operacionais para a sua aplicação nos quais são nomeadas de *Gravuras Urbanas*. Em seguida, são selecionadas e posteriormente aplicadas para o espaço previamente mapeado na urbe, ressignificando-as como documentos visuais, que vão comentando e às vezes denunciando aspectos ligados à violência na cidade e seus desdobramentos. A investigação dos espaços urbanos com as *Gravuras Urbanas* já inseridas no espaço público ocupa-se em desenvolver uma metodologia e gerar uma poética, baseando-se em aspectos gráficos e conceituais a partir de princípios formatados para a construção de uma obra, sustentados principalmente por conceitos de pensadores como Gilles Deleuzes e Félix Guattari, mas apoiados também por Gastón Bachelard e Merleau-Ponty.

Palavras-chave: Gravura, Espaço Público, Cidade, Arte Urbana.

II. ABSTRACT

The present dissertation, developed in the Master of Fine Arts Program, School of Fine Arts, of the Federal University of Bahia, in the discipline of Creative Processes, approaches aspects related to the utilization of the traditional graphics techniques in the urban art, as well as the medium techniques and operations for the application in the urban space, which is considered *Urban Print*. They are then selected and subsequently applied to the space previously mapped in the city, giving new meaning to them as visual documents, that are going to be commented and sometimes are going to denounce aspects of violence in the city and its unfolding. The investigation of the urban space with the *Urban Prints* already included in the public space is concerned with developing a methodology and create a poetic, based on graphs and conceptual aspects from the formatted principles for the construction of the work of art, informed, primarily, by concepts of Gilles Deleuzes e Félix Guattari, but supported by Gastón Bachelard e Merleau-Ponty.

Key Words: Prints, Public Space, City, Urban Art.

III. INTRODUÇÃO

Apresentamos nesta dissertação abordagens relativas à construção de uma poética visual teórico-prática, desenvolvida durante o Mestrado em Artes Visuais, na linha Processos Criativos, a qual se intitula: CIDADE GRAVADA – UMA GEOGRAFIA DO IMPREVISTO.

Os primeiros trabalhos desenvolvidos para esta dissertação, já se voltavam para o espaço público e abrangiam conceitos relacionados à gravura e às técnicas gráficas que incluíam a cidade como suporte. Consistiam numa interferência direta nas ruas de Salvador, Bahia, com gravuras confeccionadas em serigrafia e em infogravura. Como levar as gravuras para as ruas? Qual das diversas técnicas da gravura poderia ser mais adequada na urbe? Em quais locais da cidade a gravura poderia ser inserida? Qual seria a sua durabilidade? Qual a melhor maneira de colá-las? Como se pode ver, diversas questões nos tomavam a mente e seria preciso resolvê-las.

Nós que sempre fomos artistas que participávamos de eventos em locais fechados, estávamos agora descobrindo um vasto campo de pesquisa, o da arte urbana, apesar de já termos feito parte de um grupo de artistas plásticos que no final da década de noventa do século XX, tinha pintado diversos murais pela cidade e pelo interior do estado. O grupo era formado pelos artistas: Adriano Castro (Figura 01), Henrique Dantas, Gaio, Tatau, Leonel Matos, Padre Pinto e Jayme Fygura. Esta oportunidade de conviver com artistas fora dos espaços tradicionais, nos deu o conhecimento necessário para nos expressarmos nas ruas, pois foi um movimento que durou cerca de dois anos, período em que a cidade ficou mais artística e tempo suficiente para poder experimentar o ritmo das ruas e expressar-nos do modo que quiséssemos.

Quando decidimos optar pelo Mestrado em Artes Visuais, resolvemos levar as gravuras para as ruas da cidade pela primeira vez e a isso denominamos de Gravura Urbana e, ao local de aplicação, de Cidade Gravada. A pertinência desta pesquisa está em deslocar a gravura de seus espaços tradicionais de exposição, historicamente sempre em recintos fechados e protegidos, para as ruas. Nossa experimentação com a serigrafia em tijolos, azulejos, vidros, pedras, entre outros materiais e também com a infogravura em vinil, nos espaços públicos, nos fez optar pela serigrafia e pelas técnicas de gravura digital para conceber e aplicar as gravuras pela cidade.



Figura 01. Castro, painel na Avenida Garibaldi, 1999.

A cidade de Salvador que é pontuada em seus percursos, por diversas manifestações artísticas, como stickers, lambe-lambes, grafites, painéis artísticos em pintura de diversos artistas plásticos, mosaicos de azulejos de Bel Borba, tradicionais obras de Mário Cravo, Juarez Paraíso e Tati Moreno, já fazem parte de nossa memória visual da cidade. Porém, não havia ainda na cidade, nenhum artista experimentando a gravura. Hoje a Gravura Urbana está em mais de trinta bairros da cidade, interagindo com a população e até mesmo com outras formas de expressão artística.

A partir daí surgiu à necessidade de levar a Gravura Urbana para outras cidades do interior do estado e a oportunidade surgiu em uma viagem à Chapada Diamantina, em cidades como Lençóis, Mucugê e Andaraí. Apesar de ser uma técnica nova na arte urbana baiana, a Gravura Urbana mostra que as técnicas gráficas podem ser também utilizadas na urbe, sem problemas. A arte urbana é uma vertente da arte que tem sua dinâmica própria, suas regras e seus conceitos.

Como a gravura foi a técnica escolhida para produzir arte urbana, fizemos uma minuciosa pesquisa sobre a história da gravura no mundo, no Brasil e na Bahia. Para isso, foi necessário fazer entrevistas com os gravadores, registradas em vídeo e em questionários enviados por nós e respondido por eles via email, já que alguns gravadores não eram da Bahia. Nosso contato com eles se deu basicamente através da internet. Uma das maiores dificuldades encontradas nesta dissertação, foi em relação à história da gravura aqui na Bahia, pois inexistente bibliografia a respeito e o pouco que se tem, está no livro de Juarez Paraíso, *Desenhos e Gravuras*, onde, em um capítulo, ele faz um breve relato, bastante

significativo da história da gravura na Bahia. Procuramos também as tradicionais fontes de pesquisa: jornais e revistas da época. Conseguimos alguns poucos vídeos sobre a gravura baiana, entre eles, *A Gravura na Bahia*, realizado na década de oitenta por Juarez Paraíso e Claude Santos. Quanto à pesquisa sobre a gravura no Brasil e no mundo, foi mais fácil, pois existe um farto material disponível para pesquisa em livros e na internet. Dar uma ordem cronológica a esta pesquisa histórica foi também uma tarefa difícil.

O recorte teórico foi construído a partir de autores que abordam as questões da contemporaneidade e a problemática das cidades modernas; novas soluções sócio-espaciais entre o espaço urbano e os habitantes e a importância de se refletir sobre a poética no espaço da cidade. Assim buscamos pensadores como Deleuze, que com sua teoria do rizoma, responde as novas perspectivas das metrópoles contemporâneas, com seus descentramentos e irradiações do polo urbano. Procuramos, na maioria das vezes, associações de significados, vivenciando uma alteridade através das errâncias pelos bairros, sua localização e a rua como espaço transitório, para encontrar-se com a imagem visual. As ações pelos espaços sociais testemunhadas pelas Gravuras Urbanas configuram questões básicas para o desenvolvimento desta pesquisa.

Nesse ínterim, ressaltamos os teóricos que embasaram esta dissertação. Gastón Bachelard nos fez repensar sobre a importância do ato criativo ao dizer que “o homem é visto por ele mesmo demiurgo, como instaurador de novas realidades”; Gilles Deleuze e Félix Guattari, por sua teoria rizomática aplicada às cidades ou quando dizem que “quando é que se pode falar de signos? Devia-se colocá-los por toda parte, em todos os estratos, e dizer que havia signo cada vez que houvesse forma de expressão?”. Estes teóricos é que nos levaram a aprimorar a dimensão do olhar frente ao espaço público. Certamente que são conceitos resumidos que contribuíram e associaram imagens e percepções, cercando de possibilidades estéticas, para o resultado final deste trabalho.

A metodologia adotada para desenvolver procedimentos teórico-práticos foi a abordagem, no primeiro capítulo, também brevemente, da história da gravura na Bahia, os principais artistas e as técnicas por eles utilizadas, mostrando cronologicamente as inovações técnicas e os avanços da gravura baiana. Procuramos inclusive contribuir com novos caminhos para a gravura nacional, não somente para a gravura urbana, no início do Século XXI, no Brasil.

No segundo capítulo, dividido em quatro subcapítulos, mostramos como a geografia das cidades podem e devem ser aproveitadas para a arte urbana, quais as

dificuldades e imprevistos enfrentados pelos artistas urbanos, as experiências artísticas que utilizam a urbe como suporte, que tem sua própria dinâmica e tempo e quais são as manifestações artísticas mais comuns presentes nas cidades do mundo, com ênfase no Brasil e na Bahia, como; stickers, arte-cartaz, lambe-lambe e quais são as técnicas gráficas que melhor se adequam à cidade e aos seus artistas.

Abordamos no terceiro capítulo, dividido também em quatro subcapítulos, como foi a evolução da utilização das técnicas para aplicação da arte urbana, desde as técnicas tradicionais até as mais recentes e quais são as ferramentas necessárias para a sua produção e aplicação na cidade. Foram abordadas quais são as experiências que utilizam a gravura, no espaço urbano, no mundo, no Brasil e na Bahia, quem são os artistas que praticam esta modalidade de arte urbana e como as intervenções artísticas na urbe pontuam nossos caminhos, às vezes sem nos darmos conta disso. Mostramos a utilização dos suportes urbanos para a arte, tais como; placas, postes, muros, etc.

O quarto e último capítulo, dividido em três subcapítulos, foi escrito na primeira pessoa, pois é onde são mostradas as investigações com as técnicas gráficas e os depoimentos sobre todo o processo da Gravura Urbana, pelo autor da pesquisa. Neste capítulo, são aprofundados os conceitos que norteiam esta dissertação e como eles foram construídos, o que é a Cidade Gravada e o que é a Gravura Urbana, mostrando as ações para a aplicação das Gravuras Urbanas, quais as técnicas escolhidas para levar a gravura para as ruas, quais os métodos e os processos utilizados para desenvolver esta pesquisa e demonstrando como o espaço urbano pode ter um novo significado, após a aplicação das gravuras nos sítios escolhidos.

No apêndice, procuramos apontar brevemente, a história da gravura no mundo, mostrando onde e quando surgiu a gravura, contextualizando-a no tempo histórico, revelando seus principais artistas e as diferentes técnicas de gravura desenvolvidas ao longo dos séculos. Falamos também da gravura no Brasil, antes e depois da vinda da família real ao país, a proibição da produção gráfica no Brasil, antes da vinda da família real, os principais artistas e as técnicas utilizadas pelos artistas brasileiros, os pioneiros na utilização da técnica no país e também seus artistas de destaque.

I. CAPÍTULO

I. 1. BREVE HISTÓRIA DA GRAVURA NA BAHIA

Falar sobre a gravura na Bahia, e principalmente sobre sua história, não é tarefa fácil, devido, sobretudo, à ausência de livros específicos sobre o tema e às poucas fontes disponíveis, como os tradicionais jornais, catálogos, folhetos e entrevistas com os artistas gravadores, tais como: Juarez Paraíso, Julian Wrobel, Renato Viana, Sonia Rangel, etc. Desde o aparecimento da Arte Moderna, na Bahia, na década de 1940, que a expressão através da Gravura é utilizada, a princípio, com Mário Cravo, que realizava litogravuras e gravura em água-forte e água-tinta. Depois as diversas variantes da técnica foram utilizadas, destacando-se as gravuras em metal de Yêdamaria, as xilogravuras de José Maria e as serigrafias de Renato da Silveira.

Desde a década de 1950, a produção de gravura era uma prerrogativa exclusiva da Escola de Belas Artes da Universidade Federal da Bahia até a implantação das oficinas de arte em série do Museu de Arte Moderna da Bahia, nos anos da década de 1980, dirigidas por Juarez Paraíso e criadas por Francisco Liberato. Outro polo importante de difusão e criação de gravuras foi o ICBA, Instituto Cultural Brasil-Alemanha, que na época era dirigido pelo admirador das artes e principalmente da gravura, Roland Schaffner, tendo este sido um dos criadores da Galeria Cooperarte, promovendo oficinas de serigrafia realizadas por Renato da Silveira. Outra importante contribuição para a gravura baiana foi a criação da Galeria Bazarte, pelo Senhor José Marques Castro, que ajudava dezenas de jovens artistas, às vezes até os hospedando em sua galeria, onde eram realizados debates, palestras e exposições, o que deu forte impulso a um então emergente mercado de gravuras, que não se concretizou de fato. A Bazarte tem o mérito de ter criado e publicado quatro álbuns de artistas gravadores baianos, algo inédito até então, realizado por uma galeria. Estes álbuns são na verdade uma coleção de gravuras de diversos artistas ligados ou convidados pela galeria e são hoje em dia bastante disputados por colecionadores e apreciadores de gravura. Participaram destes álbuns os seguintes artistas: Adam Firnekaes, Ângelo Hodick, Eckenberger, Edison da Luz, Edvaldo Souza, Eduardo Reis, Estivalet, Gilberto Oliveira, Gley, Jamilson Pedra, Kabá Gaudenzi, Sônia Castro e Terciliano Junior.

A criação da Galeria Convivium, de propriedade de Albertoni e Liana Bloisi e dirigida por Juarez Paraíso, resultou em mais um importante centro de distribuição para a gravura. Concebida desde o início para ser uma galeria de vanguarda, criou importantes exposições como *A Gravura na Bahia*, em 1965 e a primeira *Feira de Gravuras da Bahia*, em 1966. É necessário dizer que a galeria faliu justamente por não fazer concessões e

promover exposições sem fins comerciais, apenas pela vontade de expor obras de vanguarda. Nesta época, foi realizado um filme-registro, em 35 milímetros, de trinta minutos de duração, sobre os gravadores baianos da década de 1960 que foi projetado no Cine Rio Vermelho. Em 1976, foi também produzido um áudio-visual sobre a gravura na Bahia, que foi exibido em diversos bairros populares da cidade de Salvador, e no MAM/BA com patrocínio da Prefeitura. Foram realizadas algumas retrospectivas, destacando-se a do Museu de Arte Moderna, em 1977, que também foi patrocinada pela Prefeitura. Com relação às técnicas de reprodução seriada como a gravura e seu consumo como obra de arte pela população na Bahia, infelizmente ainda predomina um forte preconceito, quanto a sua durabilidade e sua exposição em relação à umidade, já que vivemos em uma cidade predominantemente litorânea. Talvez por este motivo os colecionadores e instituições têm certo receio em tê-las em seus acervos, resultando em um mercado inexistente para a gravura na época, sem nenhuma galeria específica para esta modalidade, fatos estes que permanecem até os dias atuais. Com as novas tecnologias, surgiram novos tipos de papéis e novas tintas, que necessitam de muito menos química em suas composições, resultando em uma durabilidade maior, se comparada com antigas tintas e papéis, que amarelavam e criavam fungos. Existe também um problema de mau acondicionamento da gravura em molduras que não respeitam a distância mínima exigida em relação à parede. Com todos estes fatores, que dificultavam a circulação da gravura como técnica artística, foi louvável a iniciativa de Antonello Labatte com o Clube de Gravura da Bahia, no final da década de 1990, em resgatar e tentar estabelecer, ao menos, um mercado emergente para a gravura. A gravura possibilita algumas vantagens em relação a outras técnicas de arte, pois permite que seja reproduzida em série e com custo mais baixo para aquisição, o que pode ser perfeitamente comprovado através da literatura de cordel, que tem suas capas e ilustrações produzidas e reproduzidas em xilogravura, de impressão manual ou com colheres. Até hoje, o período mais significativo da gravura na Bahia, deu-se nos anos da década de 1960, impulsionado pelo desejo dos artistas de expressarem-se através de novos meios e também a criação da oficina de gravura por Mendonça Filho, pelos cursos livres do Museu de Arte Moderna, pelo curso oficial de gravura na Escola de Belas Artes e pela presença de Mestres como, Henrique Oswald, Mário Cravo Júnior e Hansen Bahia.

A técnica da xilogravura foi a mais utilizada, portanto a preferida pelos artistas da década de 1960, que eram a segunda geração de artistas modernos da Bahia,

principalmente pela possibilidade que a madeira tem de realizar novas soluções criativas para forma e espaço, para o claro/escuro. E principalmente, também, por ser uma das técnicas que não eram das tradicionalmente ensinadas na Escola de Belas Artes, que ainda sentia os fortes efeitos da arte acadêmico-realista que era o modo de ensino então vigente na época, que focava o ensino da pintura a óleo e o ensino do desenho realista-clássico. Vale destacar que a gravura é uma das mais antigas técnicas conhecidas de representação e reprodução da vida humana e das formas naturais, tendo seu uso já sido encontrado na China, muitos anos antes de Cristo. Por ser uma das técnicas de arte das mais versáteis, permite, por exemplo, a sua utilização com tipos móveis e distintos de madeira. Na idade média, substituiu as iluminuras medievais, que era objeto de grande desenvolvimento, no Renascimento. Na década de 1960, os artistas baianos deram uma nova feição à xilogravura, graças ao emprego do compensado e da utilização de prensa de alta pressão, anteriormente utilizada exclusivamente para a produção da gravura em metal. O uso do compensado como matriz foi bastante significativo devido a sua facilidade de corte, a sua plasticidade e a fácil manipulação de diversas camadas e texturas, diferente da madeira de topo, que por causa de sua rigidez e precisão de corte era utilizada amplamente na produção da gravura documental e de reprodução. Graças ao uso do compensado, os artistas passaram a realizar com mais facilidade xilogravuras de maiores dimensões. Nesta época, as formas orgânicas começaram a ser observadas, nas gravuras produzidas na Bahia. A utilização do compensado trouxe uma imensa contribuição à gravura baiana, por ser mais barato e de melhor manuseio do que as madeiras tradicionalmente usadas como matrizes para xilogravura como cedro, vinhático e outras madeiras de lei. Quando cortadas produzem uma riqueza de texturas que eram muito apreciadas pelos gravadores, pela facilidade de sobrepôr e retirar as camadas de compensado, quando desejavam. Calasans Neto, que introduziu esta novidade na gravura baiana, além de pioneiro na técnica foi também um artista que soube tirar proveito de todas as nuances e texturas que o compensado poderia proporcionar. Outro fator de grande relevância foi o emprego inadequado da prensa de gravura em metal de alta pressão, que fora emprestada à Escola de Belas Artes pelo crítico de arte e jornalista José Valladares, prensa esta que pertencia ao Museu do Estado da Bahia e que até hoje se encontra, na Escola de Belas Artes. A utilização de uma prensa inadequada é uma das mais fortes características dos gravadores baianos da década de 1960, que por falta de outra prensa na cidade, eram obrigados a dividir a única existente, na Escola de Belas Artes, então situada à Rua 28 de setembro, no

Centro Histórico. O primeiro curso de gravura da Bahia foi dado por Poty Lazzarotto, em 1950, no Museu do Estado da Bahia a convite do seu então diretor José Valladares através da Secretaria de Educação. Foi apenas em 1953, que a Escola de Belas Artes criou um curso de extensão de gravura por Mário Cravo Júnior, que fazia principalmente água forte e água tinta, curso este frequentado por Calasans Neto, Juarez Paraíso, Raimundo Aguiar, Nilton Silva e Jaime Hora. Vale ressaltar também que foi de extrema importância a vinda de artistas de fora como: Goeldi, Mariana Caran e Marcelo Grassmann, gravadores que dispensam maiores apresentações, durante a década de 1950. Outro fato que merece destaque é a vinda de Karl Heins Hansen para a Bahia e que, em 1957, editara o seu álbum de xilogravuras *Flor de São Miguel*, já com a temática da prostituição, que seria uma das suas marcas características. A seguir, são apresentados os pioneiros artistas gravadores baianos, contextualizando-os, suas técnicas, suas temáticas e como constroem seus universos pictóricos, objetivando uma compreensão melhor de como eram os trabalhos dos artistas que iniciaram a história da Gravura Moderna, na Bahia:

Mário Cravo nasceu em Itapagipe, bairro da Ribeira, em Salvador, em 1923. Escultor, gravador, desenhista e professor, era filho de um próspero fazendeiro de café e comerciante. Executa suas primeiras esculturas entre 1938 e 1943, período em que viaja pelo interior da Bahia. Em 1945, trabalha com o santeiro Pedro Ferreira, em Salvador, e muda-se para o Rio de Janeiro, estagiando no ateliê do escultor Humberto Cozzo (1900-1973). Realiza sua primeira exposição individual em 1947, em Salvador, na galeria que existia no edifício Oceania. Nesse ano, é aceito como aluno especial do escultor iugoslavo Ivan Mestrovic (1883-1962), na Syracuse University, no Estado de Nova York, Estados Unidos e, após a conclusão do curso, muda-se para a cidade de Nova York onde produz algumas esculturas e desenhos.

De volta à Salvador, em 1949, instala ateliê no largo da Barra, que logo se torna ponto de encontro de artistas como Carlos Bastos, Genaro de Carvalho e Carybé. Em 1954, passa a lecionar na Escola de Belas Artes. Em 1958, produz algumas gravuras em metal (Figura 02) e entre 1964 e 1965, mora em Berlim, patrocinado pela Fundação Ford. Retorna ao Brasil em 1966, ano em que obtém o título de Doutor em Belas Artes pela UFBA e assume o cargo de diretor do Museu de Arte da Moderna da Bahia, posição que ocupa até 1967. Em 1981, coordena a implantação do curso de especialização em gravura e escultura da Escola de Belas Artes. Em 1994, doa várias obras para o Estado da Bahia, que passam a compor o acervo do Espaço Cravo, criado por ele e localizado no Parque

Metropolitano de Pituvaçu, em Salvador. A partir deste momento, dedica-se quase que exclusivamente à manutenção e ocupação deste espaço com suas esculturas em metal e em madeira. No Espaço Cravo, é também possível observar algumas pinturas, maquetes de esculturas e outras obras que estão abrigadas lá, formando uma espécie de Museu em homenagem a sua vasta obra.

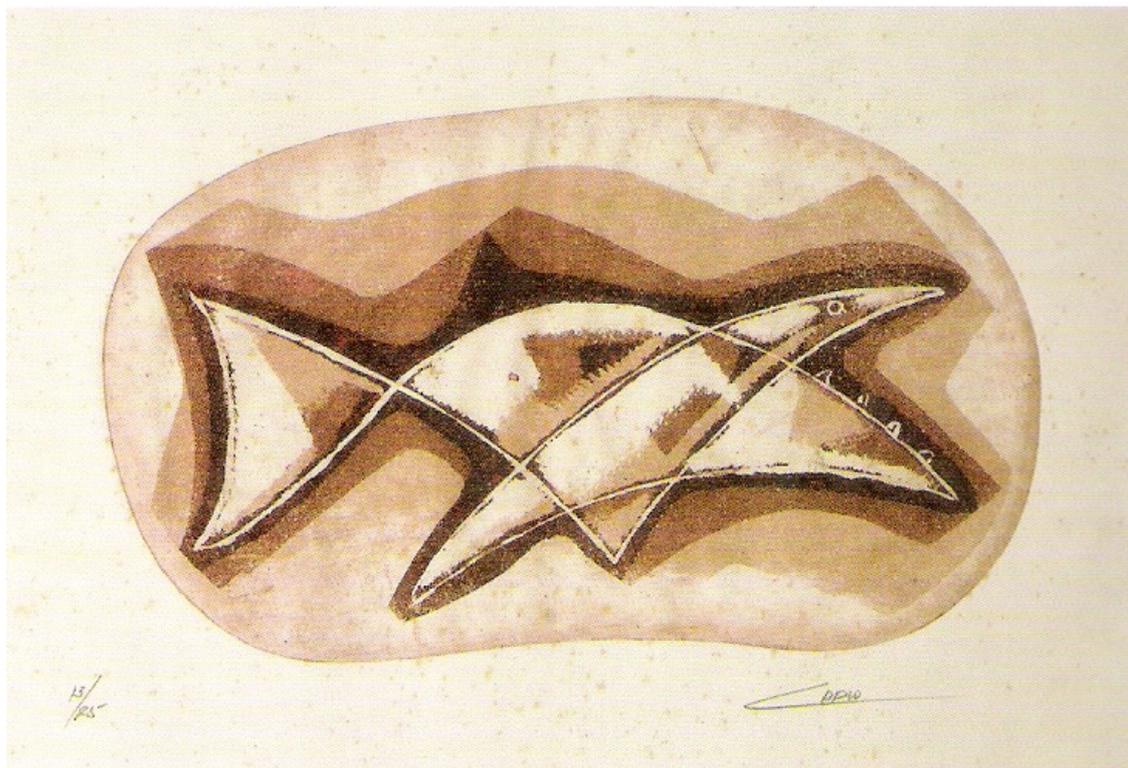


Figura 02. Cravo. *Sem título*, 1958. Água-tinta

Napoleon Potyguara Lazzarotto ou Poty Lazzarotto (1924-1998), gravador, desenhista, ilustrador, muralista e professor, se muda para o Rio de Janeiro em 1942 e estuda pintura, na Escola Nacional de Belas Artes. Frequenta o curso de gravura com Carlos Oswald no Liceu de Artes e Ofícios do Rio de Janeiro e começa a produzir gravuras em metal (Figura 03). Em 1946, viaja para Paris, onde permanece por um ano. Estuda litografia na École Supérieure des Beaux-Arts, com bolsa do governo francês. Em 1950, funda juntamente com Flávio Motta a Escola Livre de Artes Plásticas, na qual leciona desenho e gravura. Nessa época, organiza o primeiro curso de gravura do Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand, MASP. Organiza ao longo da década de 1950, cursos sobre gravura em Curitiba, Salvador e Recife.



Figura 03. Lazzarotto. *Sem título*, Sem data. Água-forte.

Karl Heins Hansen (1915-1978), posteriormente batizado como Hansen Bahia, devido a sua forte ligação com a terra, foi um dos maiores representantes do expressionismo alemão no Brasil e era gravador, escultor, pintor, ilustrador, poeta, escritor, cineasta, marinheiro e professor. Entre 1936 e 1945, serve como soldado na Segunda Guerra Mundial (1939-1945) e, ao mesmo tempo, atua como ilustrador de histórias infantis, realizando suas primeiras xilogravuras entre 1946 e 1948. Emigra para o Brasil em 1950, morando em São Paulo, onde trabalha para a Companhia Melhoramentos até 1955, ano em que se muda para Salvador. No ano seguinte, realiza ilustrações para *Navio Negroiro*, de Castro Alves. Retorna à Alemanha, em 1959, lá permanecendo até 1963, enquanto trabalha no ateliê de gravura fundado por ele mesmo no castelo Tittmoning. Vive na Etiópia entre 1963 e 1966, onde ajuda a estabelecer a Escola de Belas Artes da cidade de Addis Abeba. Retorna a Salvador e naturaliza-se, adotando o nome artístico de *Hansen Bahia*.

Em 1963, torna-se professor de artes gráficas da Escola de Belas Artes. Muda-se para São Félix, Bahia, em 1970, onde reside até seu falecimento, em 1978 e onde repousa ao lado de sua esposa Ilse, em túmulo construído ao lado de sua casa, hoje transformada no Museu Hansen Bahia. *Hansen* dizia: “Minha língua é a gravura, a arte mais

democrática...”. Dois anos antes de sua morte, doa em testamento sua produção artística para a Fundação Hansen Bahia, sediada na cidade de Cachoeira e São Félix, que preserva o acervo artístico de xilogravuras, matrizes, livros, pinturas, prensas e ferramentas de trabalho. Sua xilogravura é fortemente marcada por distorções, por contrastes e por expressivas texturas. É considerado também um mestre do claro-escuro, tendo sido talvez o gravador que mais gravuras produziu na Bahia, chegando a realizar cerca de quatro milhares, tendo paralelo apenas na xilografia de cordel. Produziu também uma série de álbuns e livros de arte inteiramente dedicados à xilogravura.

Foi professor da Escola de Belas Artes, em 1963, quando foi convidado por Mendonça Filho, então diretor, para ministrar aulas de um curso livre de gravura no ateliê da EBA, continuando o trabalho anteriormente realizado por Mário Cravo Júnior e Henrique Oswald, até o início da década de 1970.

Sua obra é um legado cultural de valor inestimável para a Bahia e para o Brasil. Em 1972, produz uma de suas obras mais conhecidas, *Death of FBI Hoover* (Figura 04) de 1972, uma xilogravura de conotações políticas. A Fundação Hansen Bahia foi criada pelo próprio artista, no dia 19 de abril de 1976, no Touring Clube de Brasília, através de testamento de doação de todo o acervo artístico, como obras, ferramentas, livros e objetos pessoais. Trata-se de uma instituição cultural sem fins lucrativos, cujos objetivos, de acordo com seus estatutos é de incentivar as artes em geral e em particular a xilogravura, preservar as manifestações culturais do Recôncavo, descobrir novos talentos, promover e divulgar a sua obra.

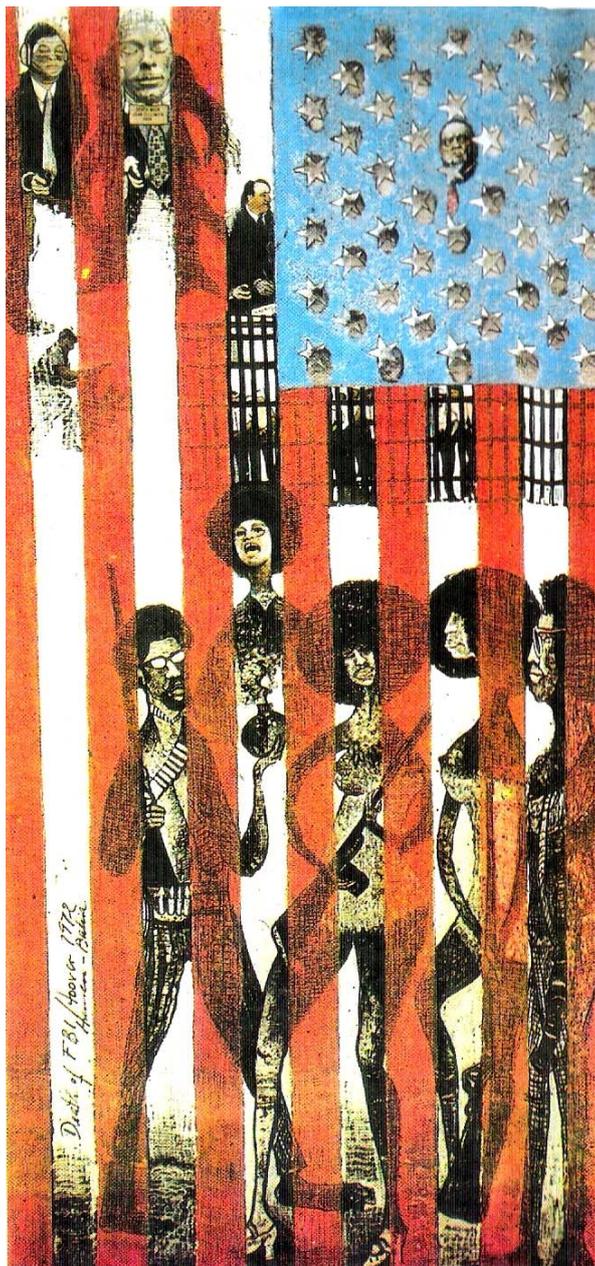


Figura 04. Bahia, *Death of FBI Hoover*. 1972. Xilogravura.

Henrique Oswald (1918-1965) nascido no Rio de Janeiro, gravador, pintor, desenhista e professor inicia aprendizado artístico com seu pai, o gravador e pintor Carlos Oswald (1882-1971), substituindo-o, em 1947, na cadeira de gravura no Liceu de Artes e Ofícios do Rio de Janeiro. Em 1952, frequenta o curso de André Lhote (1885-1962). Com o prêmio de viagem ao exterior, conquistado no Salão Nacional de Belas Artes, em 1954, vive na Europa entre 1955 e 1959. Nesse período, estuda gravura no ateliê de Johnny Friedlaender (1912-1992). De volta ao Brasil, em 1959, passa a residir em Salvador e torna-se professor da Escola de Belas Artes,

exercendo grande influência na formação de artistas locais, no final dos anos 50 e início dos anos 60, tais como: José Maria, Hélio Oliveira, Sônia Castro, Leonardo Alencar, Emanuel Araújo e Juarez Paraíso, vindo a surgir, logo em seguida, Edison da Luz, Gley Melo e Edízio Coelho. É publicado em 1966, o álbum *Henrique Oswald na Bahia*, com sete gravuras do artista e textos de Jorge Amado (1912 -2001) e Jacyr Oswald. É com ele que a gravura finalmente deu um forte impulso na Bahia; ele foi Mestre da xilogravura, água-forte e água-tinta. Nesta época, a gravura na Bahia teve grande destaque. O exemplo disso, é que em 1959, José Maria expõe suas naturezas mortas, na V Bienal de São Paulo, Juarez Paraíso, neste mesmo ano, apresenta suas xilogravuras, no VII Salão de Arte Moderna, no Rio de Janeiro e Sônia Castro, no V Festival Universitário de Arte, em Belo Horizonte, sendo premiada com suas águas-fortes. Como já foi dito anteriormente, por dividirem a mesma prensa, os gravadores da década de 60 possuíam como características uma gravura com muitas texturas e com forte contraste.

Calasans Neto (1932-2006) foi um dos mais importantes artistas gravadores baianos, tendo a xilogravura como base de sua obra, influenciando diversos gravadores das gerações seguintes. Foi o pioneiro na utilização do compensado na xilogravura, o que foi uma grande introdução em inovação técnica. Seu trabalho é uma trama abstrata de texturas onde se revelam as baleias, as cabras (Figura 05), os navios, as velas, que faziam parte do seu cotidiano de morador do bairro de Itapoan, em Salvador e do seu repertório gráfico. Estuda pintura com Genaro de Carvalho, na Escola de Belas Artes e tem aulas de gravura com Mário Cravo Júnior. Em Salvador, funda com outros artistas, como Sante Scaldaferrri, seu vizinho de bairro, a *Jogralesca* (teatralização de poemas), a revista *Mapa* e a Editora Macunaíma, eventos que causaram imenso burburinho entre os artistas e os críticos da época. Especializa-se em gravura em metal e madeira e empenha-se na relação da gravura com a cultura popular e o cordel. Entre 1956 e 1965, cria cenários para produções como *Deus e o Diabo na Terra do Sol*, de Glauber Rocha e *Eles Não Usam Black-Tie*, de Gianfrancesco Guarnieri. Ilustra romances como *Tereza Batista Cansada de Guerra* e *Tieta do Agreste*, de Jorge Amado, ambos em xilogravura de cordel. Nos anos 80, passa a dedicar-se também à pintura, mas mesmo assim a gravura continua a fazer parte de seu repertório artístico.



Figura 05. Neto. *Sem título*, Sem data. Xilografia.

José Maria (1935-1985), nascido em Valença, é um representante do expressionismo, talvez um dos mais instigantes artistas de sua época; seu trabalho se caracteriza por um forte apelo emocional onde predominam os sentimentos. Seu figurativismo é triste e sombrio e retrata muito bem o sofrimento das classes menos favorecidas, como os mendigos, as prostitutas e as crianças abandonadas. Seu trabalho tem uma relação direta com fortes efeitos de claro-escuro. Com o contraste de claro-escuro. O forte expressionismo das gradações de preto, cinza e branco, enfim, do dramático claro-escuro que eles utilizaram e também por consequência da xilogravura realizada com a prancha de compensado e impressão da prensa de água forte, são também encontradas nos trabalhos de Hélio Oliveira, Edízio Coelho, Sônia Castro e Gilberto Oliveira. Em grande parte, as gravuras de Hélio Oliveira, têm como ponto central a temática do candomblé e seus *pejis* que são os presentes dos orixás. A sua ligação com o candomblé era muito forte. O misticismo e o simbolismo são traços marcantes em sua obra e transparecem em suas naturezas-mortas. Participou de importantes exposições no Brasil e na África.

Sônia Castro, utilizando-se de uma temática social que predomina em sua obra onde aborda os dramas e a solidão do ser humano, constrói suas texturas com uma linguagem gráfica mais universal, deixando de lado o misticismo e a religiosidade que impregnavam a arte produzida, na Bahia, em sua época.

O Mestre Juarez Paraíso, ilustrador, escultor, desenhista, professor, cenógrafo, fotógrafo, figurinista, colunista, crítico e pesquisador trabalhou com diversas técnicas e linguagens artísticas, construiu calçadões, decorou a cidade em festas de carnaval, produziu dezenas de bustos e monumentos para a cidade de Salvador e outras cidades do interior do estado. Sua contribuição à arte urbana de Salvador e algumas cidades da Bahia é incontestável, destacando-se a grande escultura-mural que está colocada na entrada do Parque Metropolitano de Pituçu e outra escultura no Parque de Exposições, além de imensos painéis e murais espalhados pela cidade. É um artista que vai do figurativo ao abstrato com texturas rítmicas dinâmicas e de fortes contrastes em seus trabalhos iniciais, no desenho e na gravura. Nas artes gráficas, introduz na gravura, o tecido como suporte. Foi o pioneiro na utilização e realização de clichês aplicados à água-forte e à água-tinta e também na aplicação da mistura da fotografia com a gravura. Um de seus temas preferidos é o erotismo, como pode ser visto na obra, *Homenagem ao Kamasutra*, (Figura 06) de 1981, uma litografia. Mais recentemente, foi também um dos pioneiros em infogravuras ou gravuras digitais, dando mais uma importante contribuição à gravura baiana. Juarez foi professor e diretor da Escola de Belas Artes e seu trabalho influenciou toda uma geração de gravadores baianos, entre eles Chico Macedo, Márcia Magno, Crispim e outros. Atualmente Juarez é orientador de alguns mestrados, no programa de pós-graduação da EBA/UFBA e continua produzindo “arte computacional” como ele costuma se referir à infogravura. É um grande mestre das técnicas artísticas e responsável pela formação de diversos professores que ainda lecionam na Escola de Belas Artes.



Figura 06. Paráíso. *Homenagem ao Kamasutra*, 1981. Litografia.

Leonardo Alencar iniciou sua trajetória na gravura, na década de 1960, experimentou diversas técnicas, mas sobressaiu-se com suas gravuras em metal, de temática bastante diversificada. Durante muitos anos, pesquisou sobre o relacionamento entre o homem e o oceano.

A gravura na obra de Emanuel Araújo continua sendo referência. Nasceu em Santo Amaro da Purificação, na Bahia em 1944, escultor, desenhista, ilustrador, figurinista, gravador, cenógrafo, pintor, curador e museólogo, artista de diversas técnicas, mostrou também uma diversidade grande de temas. Suas xilogravuras com naturezas-mortas destacam-se tanto quanto suas gravuras abstratas. Com o passar dos anos, suas gravuras passaram por uma radical transformação, saindo do figurativo para o abstrato-geométrico. Suas Gravuras de Armar estão incluídas entre as mais significativas contribuições para o desenvolvimento da gravura, na Bahia e no Brasil. Aprendeu marcenaria com o mestre Eufrásio Vargas e trabalhou com linotipia e composição gráfica na Imprensa Oficial, em Santo Amaro da Purificação. Realizou sua primeira exposição individual, em 1959 e é nesta época que ele se inicia na xilogravura (Figura 07). Na década de 1960, mudou-se para Salvador e ingressou na Escola de Belas Artes onde estudou gravura com Henrique

Oswald (1918-1965). Em 1972, é premiado com a medalha de ouro, na terceira Bienal Gráfica de Florença, na Itália. Recebeu, no ano seguinte, o prêmio de melhor gravador e, em 1983, o de melhor escultor, da Associação Paulista de Críticos de Arte - APCA. Entre 1981 e 1983, instalou e dirigiu o Museu de Arte da Bahia, em Salvador e expõe individualmente no Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand. Em 1988, é convidado a lecionar artes gráficas e escultura no Arts College, na The City University of New York. De 1992 a 2002, exerce o cargo de diretor da Pinacoteca do Estado de São Paulo, é um dos maiores gravadores brasileiros de todos os tempos.



Figura 07. Araújo. *Sem título*, Sem data. Xilogravura.

Um dos artistas mais emblemáticos e surpreendentes de sua geração, Edison da Luz, apelido ganho por ser funcionário da Companhia Elétrica do estado da Bahia, seria também muito importante para a gravura baiana, principalmente pela sua postura de artista em relação a esta técnica. No início, seu assunto era a religiosidade, porém com o tempo, passou a diversificar seus temas. Sua gravura tem aspectos formais que remetem à arte naif ou arte ingênua. Rico em emaranhados de texturas, suas matrizes de diversos tamanhos formavam um intrincado jogo de cores, onde o claro-escuro se sobressaía. Fundador do grupo *Etsedron* junto com outros artistas, que tinham em comum, o envolvimento com a

técnica da xilogravura, fato que viria influenciar poderosamente a sua poética. Podemos mesmo, em certa medida, apontar as ambientações do *Etsedron* como uma transposição para o tridimensional do universo estético e do imaginário da sua xilogravura. Gilberto Oliveira era um artista de formação essencialmente acadêmico-realista, porém na gravura ele rompe com antigos dogmas pessoais, o que reflete de forma clara e objetiva em seus trabalhos. Suas obras são dramáticas e com bastante expressividade. Sua técnica de preferência era a xilogravura, onde conseguiu imprimir um novo sentido ao espaço. Seus temas eram variados, mas a figura humana era elemento central.

Gley Melo nasceu no Rio de Janeiro, em 1944 e em 1966, mudou-se para a Bahia, onde fez parte da segunda geração de artistas plásticos modernos da Bahia. Foi aluno do curso livre de gravura, no Museu de Arte Moderna da Bahia e cursou licenciatura em desenho e plástica, na Escola de Belas Artes. Sua primeira exposição individual foi em 1964 e apresentou xilogravuras e monotípias. Foi detido pelo regime militar, sofrendo no corpo e na alma as arbitrariedades da ditadura. Na Bienal da Bahia, em 1967 participou da sala especial *A Gravura na Bahia*. Em 1970, ingressa na EBA e foi aluno de Henrique Oswald. Era um gravador que basicamente se utilizava da xilogravura para se expressar. Produzia suas gravuras em pequenos formatos em madeira de topo e algumas em compensado, de tamanhos maiores, com uma linearidade explícita e sem o desfoque das texturas intermediárias. As formas orgânicas que fluíam em seus trabalhos pareciam criar um figurativo, mas sempre com uma unidade e um estilo bastante pessoal, que o diferenciava dos artistas gravadores de sua época. Participou dos álbuns de gravura da galeria Bazarte *A Gravura na Bahia* e das *Feira de Arte*, na Praça da Piedade. Faz parte da história da gravura moderna baiana.

Edízio Coelho era um gravador que tinha seu próprio estilo expressionista, sem se deixar influenciar por Hélio Oliveira e José Maria. De temática variada, posteriormente preferiu produzir naturezas-mortas, seu tema preferido. Uma das principais características de sua obra eram as cores fortes e puras separadas por uma linha negra rígida, em alguns casos semelhantes ao que se fazia na gravura européia daquela época.

Um dos mais significativos artistas desta época é Adam Firnekaes. Nasceu em Würzburg, Alemanha, em 13 de dezembro de 1909. O fato de Firnekaes ser músico foi o que motivou a vinda dele a Salvador, em 1958, sendo contratado pela Reitoria da Universidade Federal da Bahia para lecionar música e por influência de Juarez Paraíso, que convenceu o então diretor da EBA, o pintor Mendonça Filho, a contratá-lo. Era gravador,

pintor, músico, desenhista, além de professor da Escola de Belas Artes e do ICBA, Instituto Brasil-Alemanha. Nestas instituições, ele pôde influenciar as novas gerações de artistas gravadores da Bahia. Desta geração, podemos destacar Duda e Hilda Oliveira, que começaram suas carreiras, nos últimos anos da década de 1960 e que já representavam a gravura baiana, na II Bienal da Bahia, em 1968.

Hilda Oliveira também preferiu seguir na linha expressionista, onde conseguia por meio de delicadas linhas, explorar o claro-escuro. Geralmente se utilizava da madeira de cedro ou compensado de cedro e o vulcapiso, que nesta época já era comum entre os gravadores. Talvez por gostar de fazer experiências, gostava de imprimir tanto em papel, quanto em tecido, o que a levou a experimentar as tramas das rendeiras da Barra do Rio Grande em suas gravuras, tentando dar maior realismo e fidelidade para elas. Sua temática é geralmente a condição humana, com os trabalhadores, os pescadores e as rendeiras, que remetem a sua terra, no médio São Francisco.

Duda é talvez, depois de Calasans Neto, o nosso maior representante na gravura Moderna da Bahia, pois jamais deixou de produzir gravuras em seus mais de 40 anos de carreira, tendo a xilogravura como técnica de escolha e sendo um de seus mestres. Uma das suas principais características é adicionar às suas matrizes, todo e qualquer meio que possa ser utilizado para dar texturas, como palitos de picolé, lixas, palhas, rendas e outros. Com isso, ele tece uma espécie de trama labiríntica colorida, formando um grande mosaico, que se tornou uma característica fundamental em sua obra (Figura 08). Sua temática preferida é o mar, o regionalismo, o Porto da Barra, os pescadores, a baiana de acarajé, os mitos afro-baianos e tudo que gira em torno deste universo tais como, os vendedores de picolé, os carregadores ou os pescadores. Duda ensina gravura informalmente, desde a década de 1980, na Escola de Belas Artes, mesmo sem nunca ter sido professor concursado. É por seu convívio duradouro com os artistas das novas gerações da Escola, uma das maiores influências na gravura da Bahia. É também mestre impressor de primeira qualidade, exercendo esta função para alguns dos grandes gravadores da Bahia. Em meados dos anos 2000, a sala de gravura da Escola de Belas Artes da UFBA, passou a se chamar informalmente pelos alunos de Sala de Gravura Mestre Duda, o que fez com que a congregação da Escola aprovasse por unanimidade a instalação de placa com a homenagem, denominando Sala Mestre Duda.



Figura 08. Duda. *Figura di Bahia*, Sem data. Xilografia.

Vera Lima é uma gravadora, na melhor acepção da palavra. Sua formação, tanto política quanto profissional, transparece claramente em sua obra e em seu trabalho xilográfico, como na obra *O Mistério* (Figura 09). A figuração é uma das linguagens características em sua obra gráfica, sabendo também usar em doses corretas o claro-escuro, utilizando-se sutilmente das cores e quase sempre em tons pastéis. Trabalha a figuração misturada a um abstracionismo de formas orgânicas e quase sempre em tons pastéis. Apesar de ter aprendido diferentes técnicas gráficas, sempre preferiu a xilogravura, onde pôde com muita habilidade, utilizar os veios que a madeira proporciona e com eles construir camadas de texturas diferentes. É uma das mais atuantes gravadoras baianas, tendo participado de vários salões e bienais pelo país. Atualmente vive e trabalha em Salvador e continua com a sua produção de xilogravuras.



Figura 09. Lima. *O Mistério*, 2000. Xilografia.

No início da década de 1970, começaram a surgir outros gravadores, levados pela maior quantidade de prensas e mais espaços de ensino e difusão da gravura na Bahia. Apesar da ditadura militar, os artistas gravadores eram ousados, chegando a produzir panfletos gravados contra o regime, produzindo obras onde o liberalismo estava abertamente representado. Apesar de tudo, o engajamento político dos artistas plásticos, músicos e atores continuou, na Escola de Belas Artes; neste contexto surgiram artistas como Terezinha Dumet e Denise Pitágoras que se dedicavam exclusivamente à pesquisa em xilogravura.

Denise Pitágoras foi uma artista atuante politicamente, engajada e militante da causa da arte baiana, chegando a presidir a Associação dos Artistas Plásticos da Bahia e sempre manteve laços com os movimentos reivindicatórios da sociedade. Suas gravuras, como não poderiam deixar de ser, tinham também uma temática social. Ela não tinha uma preocupação formal com a composição, preferia reproduzir constantes deformações que traziam texturas diversas.

Terezinha Dumet é Mestre em gravura pela Escola de Belas Artes. Mistura abstracionismo com o figurativo em cores vibrantes e quentes que são entrecortadas por linhas geométricas, sua temática alerta para o perigo das violações dos direitos do homem, numa sociedade tecnológica de extremo consumo e tudo o que isso pode implicar.

Renato da Silveira foi, além de exímio gravador e impressor, diretor das oficinas de serigrafia do ICBA e exerceu papel de monitor e incentivador das Bienais da Bahia em

1966 e 1968, respectivamente. É um dos principais representantes da vanguarda, na Bahia e pioneiro na arte digital, em computação gráfica. Seu trabalho, na gravura baiana, é de grande importância, principalmente no que se refere à serigrafia fotográfica. Sua série sobre os orixás é também, de suma relevância artística, social e antropológica. A partir da década de 1970, com a maior difusão de locais para trabalhar, com maior quantidade de prensas na cidade, em diversas instituições como o ICBA, MAM, EBA, mais artistas tiveram a oportunidade de desenvolver e explorar um trabalho específico em gravura, utilizando-se das diversas possibilidades que a gravura em suas diferentes ramificações oferece. Nesta época, vale citar a vinda de Antônio Grosso para lecionar litogravura nas oficinas de arte em série do MAM, o que possibilitou aos gravadores locais como Sônia Rangel, Roberto Wilson, Márcia Magno, Renato Viana, Michael Walker e Jane Lídia, uma maior aproximação com a técnica da litogravura.

Márcia Magno dedicou-se exclusivamente à produção de xilogravuras abstratas geométricas, com predominância de cores fortes (Figura 10). Suas transparências cromáticas criam texturas apenas pelas sobreposições que são submetidas, criando expressivo resultado pictórico. Artista inquieta, já experimentou a xilogravura em diferentes suportes e também agregou à gravura elementos externos como a taquara para construção de extruras usadas com papéis especiais. Durante muitos anos foi professora de gravura no Museu de Arte Moderna da Bahia e na Escola de Belas Artes, sendo responsável pela formação de diversos gravadores que passaram pela EBA.



Figura 10. Magno. *Composição Abstrata*, 2000. Xilografia.

Renato Viana, além de ser um excelente gravador, mestre da água-tinta e da água-forte, é um grande impressor, tendo imprimido gravuras para outros artistas. Tem o mérito de ter sido o primeiro professor de gravura em metal das oficinas do Museu de Arte Moderna da Bahia e também, durante muitos anos, lecionou gravura em metal, na Escola de Belas Artes. Além de gravador, é também um dos grandes escultores da Bahia, sendo um dos mais requisitados para restaurações e confecção de arte urbana.

Sônia Rangel nasceu no Rio de Janeiro, em 1948, é considerada uma das mais importantes artistas da vanguarda baiana, não só nas artes plásticas, como também no teatro. Na gravura, prefere se expressar através da água-forte e água-tinta em grandes ou em pequenas dimensões. Em 1966, como estudante, visita pela primeira vez Salvador, na época da II Bienal da Bahia. Em 1970, passa a residir em Salvador e inicia sua pesquisa em gravura e em 1971 transfere-se da Universidade Federal do Rio de Janeiro para a Universidade Federal da Bahia e foi aluna ouvinte de gravura do professor Lobianco na EBA/UFBA. Prefere a gravura em metal de pequenos formatos. A sua produção como artista profissional em artes visuais e em artes cênicas inicia-se no ano de 1973, com dois eventos: a primeira exposição individual, realizada no Instituto Cultural Brasil Alemanha, em Salvador, com desenhos e gravuras, onde transpõe imagens dos seus poemas para o claro-escuro do bico de pena e da água forte e explora a temática dos transportes urbanos; e, nas Artes Cênicas, como atriz, cenógrafa e figurinista do espetáculo *Abraão e Isaque*, direção de Carlos Petrovich. Seus temas são os sentimentos das pessoas, podendo ser o amor, o ódio, o medo, o sofrimento. Domina a técnica e tem um colorido em tons pastéis que é uma característica bastante marcante em sua obra. Mostra sua versatilidade, sendo professora da Escola de Belas Artes e da Escola de Teatro da UFBA, desde 1980, Mestre em Artes Visuais, em 1995, pela EBA/UFBA e Doutora em Artes Cênicas, pela Escola de Teatro da UFBA. Interagindo com a poesia, as artes cênicas e as artes plásticas, a investigação atual se desdobra em projetos interdisciplinares, porém há alguns anos deixou de produzir gravuras por não possuir um ateliê próprio.

Dando continuidade à História da gravura na Bahia, a década de 1980, também assim como as anteriores, viu nascer novos gravadores tais como: Chico Macedo (xilogravura), Baldomiro (serigrafias), Mundin (impressões em off-set), Crispim (xilografias), Julian Wrobel (gravura em metal) e Florival Oliveira (xilogravuras). Porém, mesmo com o surgimento destes gravadores, a década de 1980, foi a que também infelizmente viu o declínio na utilização da técnica da gravura pelos artistas. Vista pelos

mais novos como uma técnica antiga, ultrapassada, a gravura já não era mais a grande novidade nas artes baianas, agora além da pintura, da escultura, do desenho, tinha que dividir o espaço com as novas tecnologias que surgiram em outros campos artísticos, tais como a fotografia e vídeo digital, a vídeo-instalação. O fortalecimento da gravura baiana só voltaria, duas décadas depois, nos anos 2000. A seguir, um breve resumo histórico artístico dos gravadores desta época:

Baldomiro iniciou-se na pesquisa em gravura, em 1983, na Escola de Belas Artes, tendo como mestre, o professor Renato Viana. Graduado em Licenciatura em Desenho e Plástica, o artista que prefere se expressar através da serigrafia e da xilografia, tem como tema de trabalho as naturezas-mortas e questões relacionadas à cultura regional, tendo como ponto de partida, a sua terra natal, Santo Estevão. Suas gravuras são geralmente, em média, de dimensões tamanho ofício ou em pequenos formatos, explorando as possibilidades da gravura através dos suportes e das texturas. Teve participação decisiva, nas exposições de gravura baiana produzidas pelo grupo de gravadores da EBA, nos anos 2000, tendo participado de quase todas elas. Possui um ateliê de serigrafia onde no final dos anos de 1990 deu aulas. Domina as técnicas serigráficas como pode ser observado na obra *Auto-Retrato* (Figura 11) de 2005 e já participou de diversos salões e bienais de arte como a Bienal Nacional de Santos e os Salões Regionais de Artes Plásticas da Bahia, onde recebeu algumas premiações.



Figura 11. Baldomiro. *Auto-retrato*, 2005. Serigrafia

Chico Macedo começa a sua vida de gravador na Escola de Belas Artes, em meados de 1986. Tendo uma grande influência do mestre Juarez Paraíso, começou com o professor Michael Walker em litografia e depois experimentou as outras vertentes da gravura, como a serigrafia, xilografia, água-forte e água-tinta. Chico explora as cores e texturas em seu trabalho, recortando as gravuras e reconstruindo-as através de colagens em papel. As questões populares e a lembrança africana são uma constante em sua temática. No início, suas gravuras eram de uma figuração expressionista até passar às colagens abstratas, que predominam até hoje. Constrói suas gravuras de recortes de outras gravuras as quais cola em bases de cartolina grossa em pequenos formatos, formando verdadeiros mosaicos em relevo, na xilografia, (Figura 12). Já participou de importantes salões e bienais de arte em diversos locais do país, como o Salão do MAM/BA e Bienal do Recôncavo, onde já foi premiado. Foi também professor substituto de gravura e desenho na EBA/UFBA, em meados da década de 1990. Atualmente vive e trabalha em Salvador, onde continua sua produção de gravuras.



Figura 12. Macedo. *Sem título*, 2005. Xilografia

Crispim começou a gravar no início dos anos de 1980, na Escola de Belas Artes, tendo como professor, Renato Viana. Pintor, gravador, publicitário, foi também professor

substituto na Escola de Belas Artes. Prefere a xilografia como expressão na gravura e em seus trabalhos predominam o claro-escuro, que ele obtém através das texturas produzidas no compensado. A sua gravura segue a tradição dos gravadores da Escola de Belas Artes da década de 1960. A sua temática é o agreste nordestino e o cangaço de Lampião e Maria Bonita e todo o seu universo de utensílios, armas, chapéus. Em seus contrastes, o impacto dos negros recortados contra o fundo, valoriza a composição. Lançou o catálogo-cordel em xilografia intitulado *Cabra Macho Brasileiro*, onde se destaca a obra *Cangaceiro* (Figura 13) com a mesma temática, mas também experimentou a pintura que continuou em paralelo a sua obra gráfica.



Figura 13. Crispim, *Cangaceiro*, Sem data. Xilografia.

Julian Wrobel nasceu em Emsdetten na Alemanha, em 1947. Em 1960, começou suas experiências com a gravura com a ajuda do seu professor do grupamento de escoteiros do mar, Luiz Tarquínio. Nos anos da década de 1970 e então já como professor da faculdade de arquitetura e da EBA/UFBA e influenciado pelos mestres Juarez Paraíso, Yêdamaria, Humberto Rocha, Renato Viana e Jamison Pedra, volta-se novamente para as técnicas gráficas. Teve a influência de seu pai, o artista plástico Leonard Wrobel e vivenciou a repressão militar imposta pela ditadura e com isso preferia a temática figurativa do cordel, com mensagens politicamente engajadas. Experimentou algumas técnicas de gravura experimental com matrizes de isopor, porém prefere expressar-se através da xilogravura.

Florival Oliveira começou nas artes plásticas em 1976, mas apenas em meados de 1980 é que começou a sua pesquisa na gravura. Foi professor, supervisor e coordenador das oficinas de gravura no MAM e já participou de diversas exposições, salões e bienais. As gravuras de Flori, como ele é também conhecido, são imagens que registram além da definição de seus contornos, as texturas naturais da madeira. Gravador de muita experiência, já trabalhou com muitas técnicas tradicionais da gravura (Figura 14), mas prefere a xilogravura como forma de expressão.



Figura 14. Oliveira. *Sem título*, 2007. Litografia.

A arte tecnológica que se utiliza de computadores e outros meios digitais, também floresceu com força na década de 1990 na Bahia, quando as vídeo-instalações e as instalações predominaram no meio artístico, relegando cada vez mais a gravura a artistas abnegados e colocando-os em guetos, pois a gravura já tinha perdido seu espaço em salões e bienais oficiais para outras técnicas mais atraentes, para os jovens artistas que se iniciavam nas artes plásticas. Mesmo com a criação nesta década dos Salões Regionais de Artes Plásticas da Bahia e da Bienal do Recôncavo, a gravura continuou sendo tratada como uma arte de segunda categoria, que não tinha seu devido valor ainda reconhecido.

Neste contexto, a gravura baiana mostra que podia ainda influenciar jovens artistas que estavam começando a produzir e se destacar nos Salões e Bienais tais como: Adriano Castro, Eneida Sanches, Gabriel Arcanjo, Paulo Guinho e Raquel Rocha. Estes artistas conseguiram alavancar a produção de gravuras na Bahia, que andava em baixa, desde a

década anterior. Vale também a pena ressaltar mais uma vez a importância da Escola de Belas Artes como ponto de encontro de produção e de troca de ideias destes artistas.

Adriano Castro nasceu em Salvador, em 1968, iniciou-se nas artes, nas oficinas de pintura contemporânea, no Museu de Arte Moderna da Bahia com o professor Tatau, em 1993. Em 1994, fez vestibular para artes plásticas e começou suas experimentações na gravura, na Escola de Belas Artes, em 1995, tendo como professora a gravadora Márcia Magno. Porém, foi com Marepe, Chico Macedo e Duda que começou a produção de gravuras, que inicialmente eram monotípias e xilografias. Experimentou também, as diversas variantes da técnica, tais como a, serigrafia, água-forte, litografia, água-tinta e gravuras experimentais. A partir destas experimentações, passou a criar gravuras especificamente para espaços fora de galerias e museus, ou seja, o espaço público, que batizou de *Gravuras Urbanas*. Foi pioneiro e inventor desta técnica de gravura aqui na Bahia, que consiste em levar para as ruas, gravuras em escala real de soldados, guerrilheiros, traficantes e máquinas de guerra. Tem preferência pela temática da violência e seus desdobramentos. Outra vertente temática de sua obra são as construções com andaimes, escadas e operários, como pode ser observado na obra *Construindo* (Figura 15), uma técnica mista de xilogravura com linóleogravura. Construções também se constituem em agressões visuais às cidades contemporâneas. Já participou de diversos salões e bienais de gravura pelo mundo, destacando-se o Salão Internacional de Mini-Gravuras de Sarajevo, na Bósnia em 2005, a Bienal Internacional de Gravura do Porto, em Portugal em 2005, o Salão Internacional de Gravura Contemporânea de Paris, na França em 2006, o Salão Internacional de Mini-Gravuras de Lessedra, na Bulgária em 2009, a Bienal Internacional de Gravura Experimental da Romênia, em 2008, a Bienal Internacional de Gravuras em Miniatura do Canadá em 2008, a Bienal Internacional de Gravura de Contratalla na Espanha em 2008, o Salão Internacional de Mini-Gravuras de Cadaqués, na Espanha em 2009, a Bienal Internacional de Gravura Contemporânea da Romênia em 2009 e o Salão Internacional de Gravura de Tóquio, no Japão em 2007. Foi um dos responsáveis pela difusão e produção da gravura na Bahia, nas décadas de 1990 e de 2000. É professor substituto das disciplinas Gravura I, II e IV, na mesma universidade a partir do ano de 2010.



Figura 15. Castro. *Construindo*, 2007. Xilografia e Linóleografia.

Raquel Rocha é também, como a maioria dos gravadores da sua época, formada pela Escola de Belas Artes da UFBA, onde começou, em meados de 1995. Trabalha nas diversas vertentes da gravura, como a xilogravura e a serigrafia, mas foi na água-forte e na água-tinta que soube expressar melhor sua relação com a gravura. Sua temática é de representação dos objetos simples do cotidiano, mas que passam despercebidos pelas pessoas, como os pregos, parafusos, alicates ou martelos. Prefere trabalhar em médios formatos, de no máximo oitenta por oitenta centímetros. Gravadora ativa participou de diversas exposições e salões de arte na Bahia. Raquel utiliza-se de uma técnica gráfica peculiar, de transferência de tonner para metal, como na obra *Doura Prateia Niquela Bronzeia Oxida* (Figura 16) de 2005.



Figura 16. Rocha. *Doura Prateia Niquela Bronzeia Oxida*, 2005. Transferência de tonner para metal.

Paulo Guinho entrou na EBA, em 1983 e em 1987, manteve seu primeiro contato com a gravura, tendo como professora, Terezinha Dumet. No início, preferia a xilogravura, depois flertou com outras técnicas, como a litografia com o professor Michael Walker. Apenas na década de 1990, que começa a expor e desenvolver a sua gravura em linóleo e isopor. Foi professor substituto de serigrafia da Escola de Belas Artes, desde meados da década de 1990 e a escolheu como técnica de trabalho. Faz experimentações serigráficas, agregando colagens com objetos, raios-x e outros. (Figura 17). Buscou na gravura um diálogo estreito com a EBA, na série intitulada *Feridas Urbanas*, onde buscava como matriz de impressão, estruturas do espaço físico da Escola, com doenças de seres humanos, misturando as serigrafias derivadas de locais da Escola, com raios-x de pulmões de pessoas doentes, numa combinação de técnicas diversas. Atualmente faz gravura experimental com suporte de concreto onde imprime suas serigrafias.

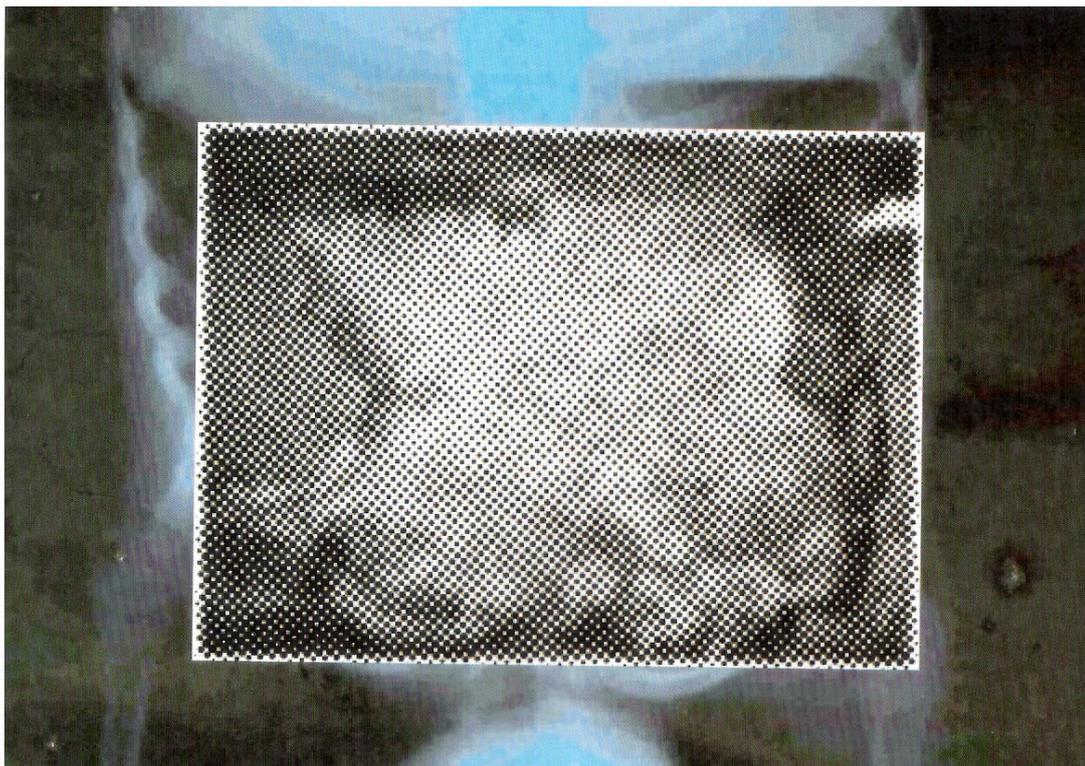


Figura 17. Guinho. *Cicatriz Pulmão*, 2008. Serigrafia.

Eneida Sanches começa a gravar, em 1997, nas oficinas de gravura do MAM/BA, tendo como professor, Antonello Labbate. Sua técnica de trabalho é a água-forte e água-tinta e sua temática usual é uma leitura contemporânea das vertentes Afro-Brasileiras. Formada em Arquitetura e Urbanismo, pela Universidade Federal da Bahia, em 2003 foi premiada no Salão Nacional de Rio das Ostras e também participou do Salão do MAM, em 2007. As obras de Eneida fazem parte de coleções no Smithsonian Institute, onde realizou residência em artes, durante 2001, no Caribbean Cultural Center, ambos nos Estados Unidos. Entre as exposições mais recentes de seus trabalhos, estão as coletivas *Artificial Afrika*, em Nova York e *Nove de Fora*, na cidade do Porto, em Portugal. Uma das principais gravadoras baianas do início do século XXI, atualmente desenvolve um trabalho de mesclar a gravura em metal às instalações, conseguindo desta forma dar um novo significado para a tradicional técnica gráfica. Foi uma das premiadas no Salão de Arte do MAM/BA, em 2008, quando ganhou um prêmio de residência, na Inglaterra. Eneida prefere se expressar em gravuras em metal como o trabalho *Invasão do Inferno* (Figura 18), de 2000.

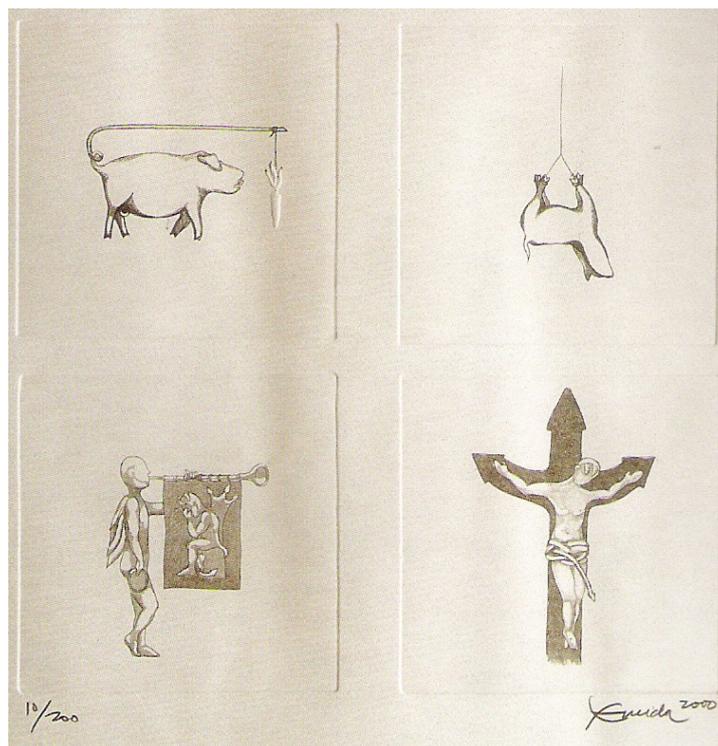


Figura 18. Sanches. *Invasão do Inferno*, 2000. Gravura em metal.

Gabriel Arcanjo, oriundo de Feira de Santana e residente em Salvador, tem uma larga trajetória de produções de xilogravuras de cordel (Figura 19), estilo que tem desenvolvido ao longo de toda sua carreira como gravador. O estilo é expressivo inspirado nas imagens das tradições populares nordestinas e que ele domina como poucos. Assumindo a xilogravura como técnica de expressão na gravura, se utiliza de imagens do sertão, das crenças e modos de vida de sua gente, das labutas e folias dos sertanejos. É um dos poucos artistas gravadores de cordel que participam regularmente de salões e bienais de arte, na Bahia e no Brasil.

É também um dos mais atuantes gravadores baianos, sempre fazendo exposições e palestras sobre a arte da xilografia de cordel, que mesmo no Nordeste, já é difícil de encontrar. Nestas palestras, ele, além de discorrer sobre a história do cordel e da xilogravura, com fotos e slides, também procura oferecer oficinas de produção de xilogravuras de cordel para crianças, tentando desta forma, fazer com que esta tradicional arte nordestina seja passada para as novas gerações. É um dos maiores ilustradores em xilogravura de cordel do país e já ilustrou centenas de folhetos de cordel de sua autoria ou de terceiros.



Figura 19. Arcanjo. *Sem título*, Sem data. Xilografia.

A Escola de Belas Artes era um catalisador, pois estes artistas muitas vezes produziam juntos, todos ao mesmo tempo, cada um com sua técnica, cada um com sua temática, porém todos unidos pelo mesmo local. Isso facilitava a troca de técnicas, já que os artistas tinham curiosidade sobre a técnica que seus colegas estavam utilizando. Em meados dos anos 2000, viu-se surgir com toda força, o renascimento da gravura na Bahia, ou pelo menos os artistas tiveram uma maior facilidade em divulgar e difundir seus trabalhos gráficos em Salões e Bienais, tanto na Bahia e no Brasil quanto no exterior. As informações sobre gravura agora são facilmente encontradas na internet, em sites específicos de salões, bienais, prêmios, bolsas de estudo, museus ou galerias. O uso da internet como ferramenta, tanto de informações quanto de pesquisa, é hoje muito utilizado pelos gravadores baianos. E vale ressaltar que isso contribuiu para que os artistas baianos também tivessem seus trabalhos difundidos pelo mundo, de uma forma que nunca houve na história da gravura baiana. Nesta década, a gravura baiana vem caracterizando-se por temáticas que se tornaram mais cosmopolitas, mais globalizadas, sobretudo em termos de técnicas e suportes. O vidro, a pedra, a calça, o cimento, as paredes, as janelas, a cidade, enfim tudo que pode ser gravado, é utilizado como suporte para a gravura, que se emancipa de uma vez por todas do suporte de papel e das obrigações de numeração, titulação e

assinatura. E mais uma vez, a Escola de Belas Artes teve papel catalisador neste ressurgimento da gravura, na Bahia. É na Escola que gravadores desta década tais como: William A., Evandro Sybine, Daiane Oliveira, Adalberto Alves, Ademir Bacelar, Raquel Mascarenhas, Henrique Dantas se reuniam com gravadores de outras gerações, tais como: Adriano Castro e Raquel Rocha para produzir, debater e aprender sobre a gravura. Alguns destes artistas já haviam passado pelas oficinas de gravura do MAM, cujos professores eram Antonello Labbatte e Florival Oliveira e frequentavam a Escola de Belas Artes onde o encontro e a troca de informações eram constantes.

Henrique Dantas é um cineasta que começou suas experiências em gravura, no final dos anos da década de 1990, mas foi somente nos anos 2000, que realmente se interessou pela gravura. No início, fazia monotípias que tinha na zoomorfose sua temática principal, com animais que se fundiam aos instrumentos musicais, como o violão. Flertou com a gravura em metal e com a xilogravura, mas foram as gravuras com transferência com gasolina (Figura 20), que escolheu como técnica preferida. Recolhe as imagens em jornais do mundo inteiro e hoje em dia faz uma gravura que utiliza as notícias e manchetes, além das ilustrações, como matéria prima para sua obra, que misturada à pintura e ao desenho, a torna peculiar.

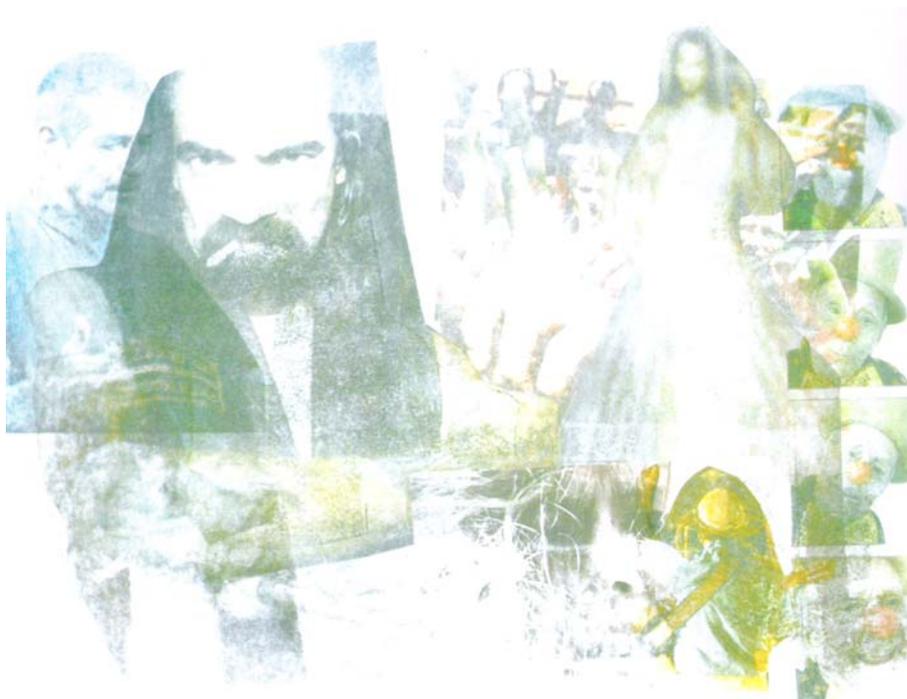


Figura 20. Dantas. *Voracidade no Olhar*, 2008. Transferência com gasolina.

William A., paulista radicado na Bahia, desde o início dos anos da década de 2000, começou a gravar no espaço Henfil de Cultura, em São Bernardo do Campo, SP com Gabriela Cremonin e, no mesmo ano, visita o ateliê, no bairro Bexiga, do mestre impressor Roberto Grafi. Aqui na Bahia inicia, nas oficinas de gravuras do Museu de Arte Moderna, em meados de década de 2000, com Antonello Labbatte, com quem aprende gravura em metal e serigrafia com Zeca Araújo. É gravador de variadas técnicas, não tem uma de sua preferência. Transita por todas elas, que domina como poucos. Já produziu em xilografia, serigrafia, água-forte, água-tinta, litografia (Figura 21) e faz gravuras experimentais. Fez uma série intitulada *Gravuras Comestíveis*, confeccionadas de massa fina de pizza, com desenhos impressos em anilina. Artista inquieto, preferiu trocar Salvador pelo sossego da Chapada Diamantina, onde montou o primeiro ateliê de gravuras de Andaraí. Sua temática mais recente são os *Hominis Viatoris*, seres zoomorfos. É atualmente um dos poucos gravadores que desenvolvem a técnica da litografia, que deixou de ser ensinada na Escola de Belas Artes. Junto com Adriano Castro, ganhou o edital do governo do estado o que possibilitou a realização da exposição 2008 Gravuras Baianas, com registro em catálogo. Artista premiado diversas vezes com suas gravuras, já ganhou duas menções honrosas na Espanha, prêmio em dois Salões Regionais da Bahia, além de inúmeros convites para exposições coletivas, como a terceira Bienal de Gravura do Museu Olho Latino, em Atibaia, São Paulo. Em seu currículo, nos dias atuais, conta com mais de oitenta mostras, exposições, salões, bienais e trienais no Brasil e no exterior.



Figura 21. A. *Copos*, 2005. Litografia.

Evandro Sybine é também paulista radicado em Salvador, começou a gravar nas oficinas de gravura do Museu de Arte Moderna da Bahia, no final dos anos de 1990 e início dos anos 2000. Começou com a litografia cujo professor era Renato Fonseca e depois partiu para a água-forte com Antonello Labbatte, onde também trabalhou no ateliê, sendo seu ajudante de impressão. Vale ressaltar que neste ateliê, Sybine pôde vivenciar toda a experiência de um grande gravador, em seu local de trabalho. Foi monitor da gravadora e professora Márcia Magno, na EBA e recebeu orientações de Calasans Neto, em xilogravura, no próprio ateliê do artista. É um gravador de variadas técnicas e com bastante experiência em impressão. Ultimamente tem produzido xilogravuras em grandes formatos. Utiliza-se bastante do clichê em suas xilogravuras e, em algumas, se utiliza da técnica do frottage, que constrói como um grande quebra-cabeça (Figura 22). Já foi professor substituto de gravura, na Escola de Belas Artes, algumas vezes. Sua temática vem das observações do cotidiano e das experimentações da prática da gravura, como por exemplo, nas experiências com novas queimas, maneiras de imprimir. Ganhou alguns prêmios com gravura, como na IX Bienal do Recôncavo, em 2008, com uma xilogravura e no Salão Regional de Artes Plásticas da Bahia, no Centro de Cultura Olívia Barradas – Valença, na Bahia, em 2006.

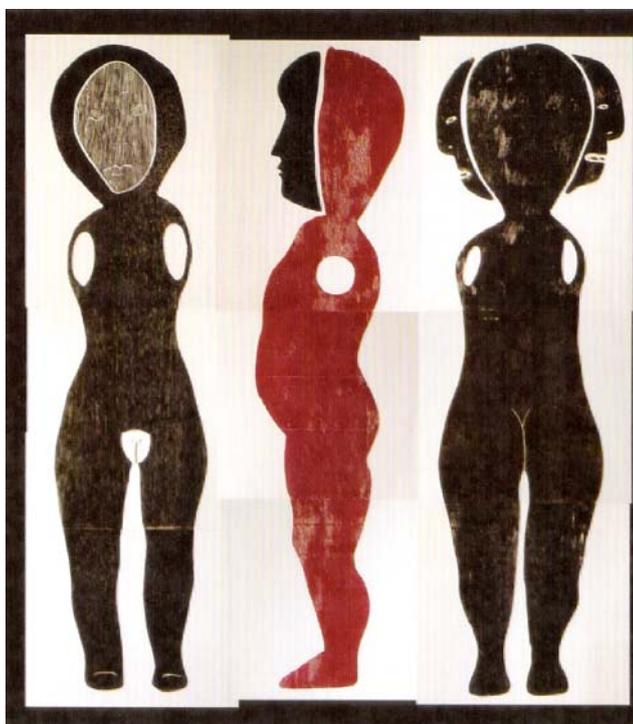


Figura 22. Sybine. *Imagens do Arruinamento*, 2008. Xilografia.

Adalberto Alves começou na gravura, fazendo monotípias coloridas, na Escola de Belas Artes da UFBA, em meados dos anos 2000. Seu estilo figurativo expressionista é único na gravura baiana e reflete a sua relação com a temática do corpo e suas modificações. Foi um dos gravadores que, junto com Baldomiro, William A. e Adriano Castro organizaram e produziram uma série de exposições da gravura baiana, realizadas em diversas galerias e museus do estado. Foi professor substituto de desenho, na EBA. Tem uma figuração expressionista, que não tem similar em nenhum gravador de sua geração. Desenhista de qualidade, Adalberto trouxe de volta para a gravura baiana, um expressionismo que não se via, desde a década de 1960, com Hansen Bahia. É na técnica da monotípia que tem mais trabalhado nos últimos anos, como as gravuras que fez nesta técnica, em 2005 (Figura 23). Certamente é um dos mais importantes gravadores de sua geração. Prefere ser considerado um artista plástico, simplesmente. Foi mestre em Artes Visuais, pela mesma Universidade. Nascido em Santo Amaro da Purificação, interior da Bahia, atualmente vive e trabalha em Salvador, onde leciona no sistema SESI/SENAI. Já ganhou diversos prêmios na Bahia e em outros estados, como o primeiro prêmio do Salão de Arte Contemporânea de Piracicaba, São Paulo, em 1999 e na Bienal do Recôncavo de 2006.

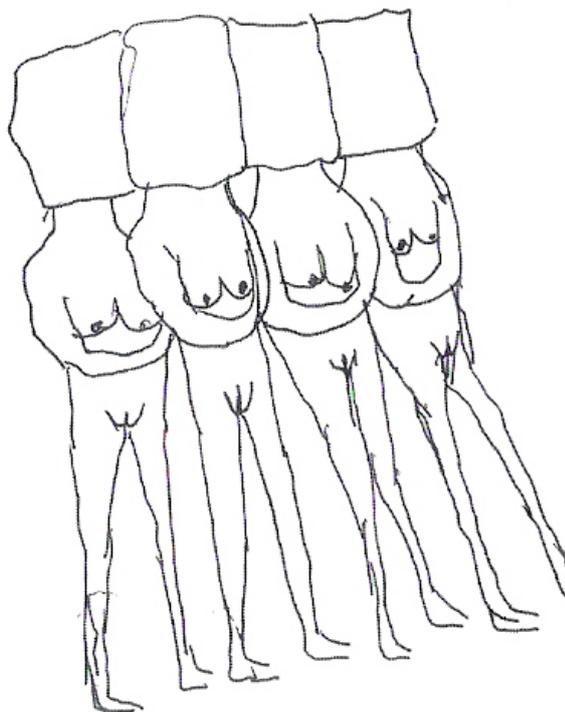


Figura 23. Alves, *Sem título*, 2005. Monotípia.

É fundamental reconhecer a importância da vinda de William A., para a Escola de Belas Artes, pois gravador de reconhecida capacidade técnica e artística, conseguiu junto com Adriano Castro, Baldomiro, Adalberto Alves e Duda, iniciar importantes exposições de gravura. Este grupo conseguiu ter o mérito de aglutinar e unir artistas de diversas gerações em torno da gravura, tais quais: Juarez Paraíso, Sante Scaldaferrri, Márcia Magno, Mário Cravo Júnior, Juraci Dórea, Franklin Maxado, Chico Macedo, Renato Viana, entre outros. As exposições, inclusive, foram levadas também para o interior do estado como Feira de Santana, num intercâmbio com artistas locais.

É imprescindível registrar a colaboração, nesta época, da crítica de arte e jornalista, dona de galeria, Matilde Matos, que soube como poucos entender que a gravura não poderia continuar relegada a um segundo plano nas galerias, museus e instituições culturais. Ela foi sempre muito acolhedora às investidas dos gravadores que queriam expor em sua galeria, a EBEC. Nela foram realizadas algumas das exposições do grupo de gravadores, tais como *Sim Gravura*, em 2005 e *Matrizes*, em 2006. Certamente pelo seu convívio com os grandes gravadores baianos como Juarez Paraíso, Calasans Neto, Mário Cravo, Edison da Luz, ao receber as propostas dos novos gravadores baianos para exposições em sua galeria, ela tenha sido tão receptiva e colaboradora. A série exaustiva de exposições começou em 2005, com a exposição *Sim Gravura*, na Galeria EBEC, com cinco artistas gravadores, que se reuniam na Escola de Belas Artes, para produzir gravuras. Vendo que a repercussão de público e crítica havia sido a melhor possível, eles logo em seguida, após apenas dois meses, inauguraram a exposição *Não Gravura*, no Solar Ferrão, no Pelourinho. Oito artistas participaram desta mostra, com uma diversidade de técnicas, que abrangiam quase todas as modalidades da gravura como impressão em off-set, monotípias, gravura em metal e xilogravuras.

Isto demonstra que os gravadores da cidade queriam espaço para mostrar seus trabalhos e que apoiavam e louvavam a iniciativa do grupo. Desta vez, os artistas foram: Adalberto Alves, Adriano Castro, Baldomiro, Chico Macedo, Eneida Sanches, Duda, Raimundo Mundin e William A. De novo, após dois meses, mais um grande esforço para outra exibição coletiva, na Galeria Cañizares da Escola de Belas Artes, intitulada *O Que é que a Gravura Tem?*. Esta mostra tinha um sabor especial para o grupo, pois pela primeira vez teriam a oportunidade de expor em casa, pois era lá que muitos deles produziam suas gravuras e contou com a presença de catorze artistas, demonstrando o crescimento do grupo e o interesse dos gravadores. Juntos estavam tentando consolidar um público para a

gravura na Bahia. Esta exibição também foi uma grande vitrine para a técnica, pois foi apresentada, na Galeria Cañizares da Escola de Belas Artes, local onde o grupo se reunia e produzia e berço de diversas gerações de gravadores que estavam lá representados. Eram eles: Adalberto Alves, Adriano Castro, Baldomiro, Chico Macedo, Eneida Sanches, Juarez Paraíso, Mário Cravo, Julian Wrobel, Juraci Dórea, Márcia Magno, Duda, Paulo Guinho, Raimundo Aguiar, Renato Viana, William A., Yêdamaria. Uma curiosidade desta mostra é que todos os gravadores passaram pela Escola de Belas Artes ou como professores ou como alunos e dois eram ex-diretores, Juarez Paraíso e Márcia Magno.

Após dois meses, voltamos a mostrar gravuras na exposição *Aqui Gravura*, no Museu de Arte Contemporânea de Feira de Santana. Esta mostra contou com a participação recorde de dezenove artistas gravadores, tanto da capital quanto do interior, a exemplo de Juraci Dórea, que expôs serigrafias com a sua temática sertaneja e Franklin Maxado, reconhecido cordelista e mestre xilogravador. Esta mostra realmente fez um grande apanhado de todas as gerações de gravadores baianos até então, pois todas as décadas da gravura moderna baiana estavam lado a lado, desde a década de 1960 até os anos de 2000: uma grande retrospectiva da gravura na Bahia. Desta exposição, participaram os seguintes artistas: Adalberto Alves, Adriano Castro, Baldomiro, Chico Macedo, Denise Pitágoras, Eneida Sanches, Franklin Maxado, Julian Wrobel, Juraci Dórea, Juarez Paraíso, Mário Cravo, Duda, Paulo Guinho, Raimundo Mundin, Raquel Rocha, Terezinha Dumet, William A. e Yêdamaria.

Juraci Dórea, nascido em Feira de Santana-BA, em 1944, é escultor, pintor, desenhista, fotógrafo, programador visual e gravador. Graduou-se em arquitetura, pela Universidade Federal da Bahia, em 1968, e é mestre em literatura e diversidade cultural, pela Universidade Estadual de Feira de Santana. Sua primeira experiência com serigrafia foi em 1979 e estava relacionada com a série intitulada *Estandartes do Jacuípe*, mas não teve prosseguimento. Já experimentou também xilografia e litografia. Em 2005, fez também algumas gravuras sobre couro, usando os ferros de marcar gado na série *Gado pastando na Tapera*. Na gravura, é praticamente um autodidata. Teve algumas noções a respeito de serigrafia, no curso de arquitetura, técnica que adotou como expressão gráfica. Sua temática é quase sempre o sertão nordestino e seus objetos e personagens (Figura 24).



Figura 24. Dórea. *Sem título*, Sem data. Serigrafia.

Franklin Maxado, o poeta, cordelista, professor, jornalista, teatrólogo, advogado, acadêmico, já publicou cerca de trezentos títulos de folhetos em xilogravura de cordel em mais de trinta anos de dedicação ao gênero. Além disto, há a publicação de ensaios, artigos e livros sobre o tema, entre eles: *Antologia da Literatura de Cordel* – em braile, em 1997, *O que é literatura de Cordel*, em 1980 e *O Cordel Televivo*, em 1984. Uma de suas mais importantes exposições ocorreu no Centro de Cultura Amélio Amorim, em Feira de Santana, com a mostra *Xilo Cordel Vivo*. Com esta exposição, ele apresentou mais de cinquenta trabalhos produzidos no decorrer dos trinta e três anos de convívio com a gravura. Na abertura desta mostra, foi exibido o filme de Luciana Boeira, produzido com a participação de Maxado e suas xilogravuras sobre o cangaço e Lampião, uma das suas temáticas preferidas. Seus cordéis são sarcásticos e irreverentes, como o álbum *Horóscopo das Bichas* (Figura 25).



Figura 25. Maxado. *Horóscopo das Bichas*, Sem data. Xilografia.

Todas estas exposições foram realizadas no ano de 2005. Em 2006, o número de exposições diminuiu, a importância delas aumentou consideravelmente com a mostra *Matrizes*, na Galeria EBEC. É importante ressaltar que esta exposição é histórica, pois os gravadores baianos realizaram uma exposição coletiva apenas mostrando as suas matrizes e possibilitando ao público, pela primeira vez, poder observar de onde é que vinham as gravuras. Nesta exposição foram mostradas matrizes de xilogravura, monotipia, serigrafia, gravura em metal e outras. Tornou-se um marco na Bahia, pelo seu ineditismo e pela disposição didática das peças expostas, o que facilitava a compreensão pelo público de todo o processo da manufatura da gravura. Desta exibição, participaram os artistas: Adriano Castro, Baldomiro, Duda, Adalberto Alves e William A. E Juan Toulhier. Este grupo de gravadores percebendo que não poderia continuar no ritmo de exposições que estava, resolveu que a partir daquele ano de 2006 apenas faria uma exibição anual de gravura. Em 2007, a convite da diretora da Galeria Acbeu, a também gravadora Eneida Sanches, o grupo foi encarregado de produzir uma mostra de gravuras para a instituição, que se chamou + *Gravura*, com treze artistas gravadores de diferentes estilos e técnicas,

podendo-se ver uma verdadeira representação da gravura produzida na Bahia e contava com a presença de: Adriano Castro, Adalberto Alves, Baldomiro, Chico Macedo, Erivan Morais, Evandro Sybine, Juarez Paraíso, Juraci Dórea, Márcia Magno, Mestre Duda, Sante Scaldaferrri e William A. Finalmente, em 2008, o grupo voltou ao Museu de Arte Contemporânea de Feira de Santana, com a exposição *2008 Gravuras Baianas*, que foi vencedora de um edital da Secretaria de Cultura, o que possibilitou desta vez que o grupo pudesse registrar pela primeira vez, em um catálogo colorido, a exibição. Participaram os gravadores: Adriano Castro, William A., Sante Scaldaferrri, Henrique Dantas e Duda.

Este foi o primeiro catálogo que saiu com a logomarca do Museu de Arte Contemporânea de Feira de Santana. Esta exposição contou com visitas guiadas por escolas do ensino fundamental, além de encontro com os próprios artistas e a comunidade, num debate sobre a gravura na Bahia.

É importante ressaltar que esta exposição teve a fundamental participação de Sante Scaldaferrri (1928), pintor, gravador, tapeceiro, ator, cenógrafo e professor. Em 1957, forma-se em pintura pela Escola de Belas Artes. Na mesma instituição, estuda a técnica de encáustica com Rescála (1910-1986) e faz curso livre de gravura com Mário Cravo Júnior. Scaldaferrri é responsável pela implantação, em Salvador, dos centros de formação artesanal do Serviço Social do Comércio SESC, do Serviço Social da Indústria SESI e da Fundação do Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia. Em meados da década de 1950, atua como cenógrafo em produções relacionadas ao cinema novo e como ator em filmes de Glauber Rocha (1939-1981). No início de sua trajetória artística, realiza retratos e pinturas de temática social. Entre 1960 e 1964, é assistente artístico da arquiteta Lina Bo Bardi (1914-1992) e professor da Escola da Criança do Museu de Arte da Moderna da Bahia. O artista cria também vários painéis para espaços públicos localizados principalmente, em Salvador. Publica em 1997, o livro *Os Primórdios da Arte Moderna na Bahia*, pela Fundação Casa de Jorge Amado. Em 2000, é realizado o vídeo *Sante Scaldaferrri - A Dramaturgia dos Sertões*, com fotografia de Mário Cravo Neto e direção de Walter Lima e, em 2001, o vídeo *Sante Scaldaferrri: Erudito e Popular*, com direção de Maria Ester Rabello. Em 2003, é lançado o livro *Sante Scaldaferrri: Desenhos*, pela Fundação Casa de Jorge Amado. Sante é um dos mais importantes artistas do país e apesar de seus oitenta e um anos, está atualizado e demonstra que também domina as novas tecnologias. Apresentou uma série de infogravuras ou gravuras digitais, com a temática dos ex-votos misturadas com imagens do cotidiano (Figura 26).

A partir desta exposição, Sante foi convidado pelo grupo de gravadores para se juntar a eles, convite que foi prontamente aceito e que muito orgulho trouxe ao grupo.



Figura 26. Scaldaferrri. *Sonho*, 2001. Infogravura.

Em 2007, o grupo recebe convite da Galeria Acbeu para que apresentasse uma mostra de gravuras, que se chamou + *Gravura*. Nos anos 2000, apenas um pequeno grupo de gravadores continuou empenhado em difundir e produzir e acima de tudo discutir o papel da gravura na Bahia e quais os caminhos a seguir. Nesta década, a Bienal do Recôncavo de 2008, apresentou uma homenagem especial à gravadora paulista Maria Bonomi, que é uma das mais importantes gravadoras do país. Ela exibiu uma Instalação-Gravura suspensa do teto, com 5 metros de comprimento e com a temática rupestre. Nesta mesma Bienal, o gravador Evandro Sybine foi um dos premiados com sua gravura de grandes dimensões e utilizando-se dos clichês.

Os artistas gravadores baianos continuam produzindo suas obras e têm demonstrado que a gravura consegue se reinventar a cada nova década e que apesar de ser uma técnica milenar e uma das chamadas técnicas originais junto com o desenho, a pintura e a escultura, tem a grande capacidade de se adaptar aos novos tempos e as mais novas tecnologias que surgem a cada dia.

I. 2. OUTROS CAMINHOS DA GRAVURA

I. 2. 1. A Gravura Experimental

A chamada gravura experimental é hoje um fato aceito tanto pelos antigos gravadores quanto pela nova geração. Hoje em dia existem bienais especialmente dedicadas à experimentação em arte gráfica como a Bienal Internacional de Gravura Experimental da Romênia, que procura apontar os caminhos da gravura no futuro, mostrando que a experimentação é um constante diálogo entre o artista e as maneiras que ele tem de expressar nas técnicas gráficas, a exemplo de William A., que além das gravuras comestíveis, também desenvolveu o que ele chama de *Gravuras em Conserva* (Figura 27), gravuras colocadas em potes de vidro. Na IX Bienal do Recôncavo, em São Félix, ele apresentou gravuras em uma banca do tipo das de feiras populares, onde ele distribuía as *Gravuras Comestíveis* para o público presente.



Figura 27. W.A. *Gravura em conserva*, 2007. Gravura experimental.

Existem gravuras experimentais de variados tipos, como as *Gravuras para Vestir* e as *Gravuras e Infogravuras Urbanas* de Adriano Castro, que são um claro exemplo disso. A primeira, são experimentações de diferentes tipos de matrizes desde as tradicionais de xilogravuras, linóleo gravuras até matrizes produzidas em isopor aplicadas numa calça jeans e impressas em prensa de alta pressão. (Figura 28). Já as *Infogravuras Urbanas* (Figura 29) são impressões infográficas em papel específico de out-door, em escala humana de figuras de soldados, guerrilheiros e traficantes aplicadas em muros e paredes da cidade e produzidas para *sites-specifics* previamente mapeados. Estas gravuras são pensadas para ao espaço urbano, levando em consideração as intempéries às quais elas serão submetidas.

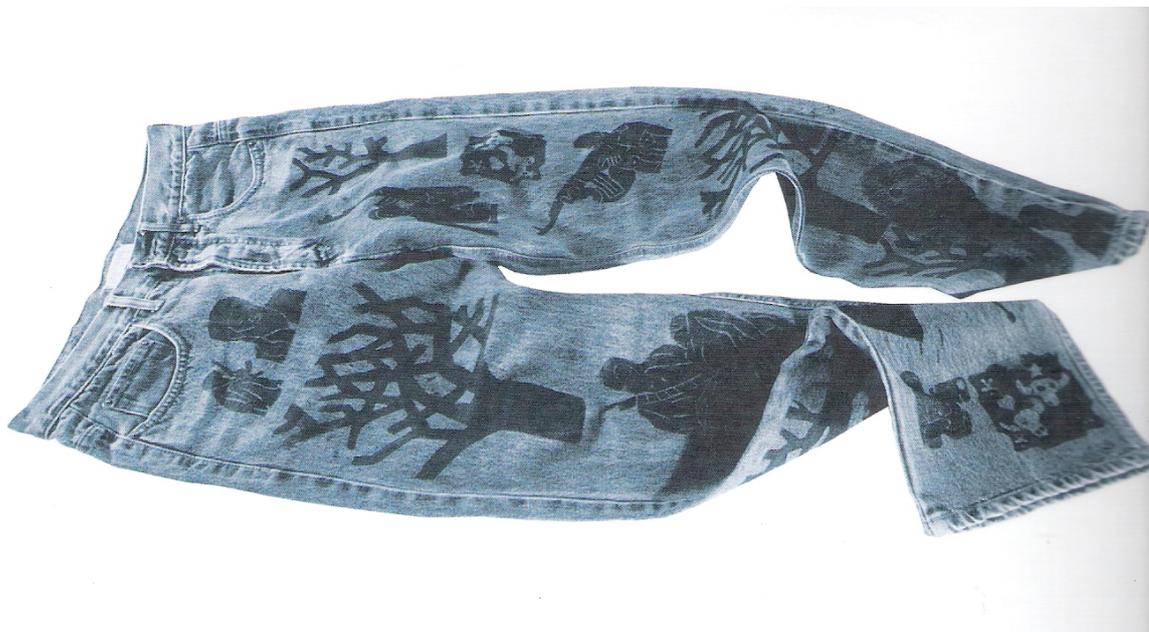


Figura 28. Castro. *Gravura para Vestir*, 2008.

As *Gravuras em Óculos* da finlandesa Minna Sora é outro exemplo de gravura experimental, em local inusitado. Ela grava diretamente na armação do óculo e em suas lentes, ressignificando o objeto, já que ele não poderá ser utilizado para a finalidade a qual foi criado, fazendo com que o espectador reflita sobre o deslocamento do objeto de sua real função e o significado da gravura experimental. Isso demonstra que a gravura se desvencilhou do tradicional papel, ela pôde adaptar-se aos mais diferentes suportes.



Figura 29. Castro. *Infogravura Urbana*, 2008.

Existem outros artistas no Brasil e no mundo, que estão experimentando a gravura em variados suportes que não os tradicionais como a paulista Vilella Terra, que fez um trabalho em gravura experimental, com roupas, intitulado *Some Hope* (Figura 30). A sua pesquisa nesta técnica, faz uma relação direta com o corpo humano e como ele pode ser utilizado como suporte. Ela já participou de diversas exposições de gravura e de gravura experimental no Brasil e em muitos outros países, como a Romênia e a Espanha.



Figura 30. Terra. *Some Hope*, 2008. Gravura experimental.

Nos Estados Unidos, existe um grupo de artistas da gravura experimental chamado ArtOrg, que trabalha com uma das mais inusitadas formas de gravar. Eles não utilizam prensa e sim um rolo-compressor de dezessete toneladas (Figura 31) para poder imprimir as gravuras de grandes dimensões. Este grupo grava matrizes de xilogravura em grandes tapumes de compensado, (Figura 32) que são dispostos pelo chão, após a intimação, onde é colocado o papel e sobre o papel uma borracha grossa, para que o peso do rolo-compressor não destrua nem a matriz nem a gravura. Então a matriz intintada e já com o papel sobre ela, é colocada numa espécie de “gabarito” para que o rolo-compressor não a destrua e nem passe em direção errada.

Eles utilizam também tintas tipográficas normalmente usadas na gravura e cada tiragem tem em média cinco edições, fazendo com que cada gravura seja produzida em pequenas tiragens, valorizando a obra. Este é um método bastante incomum de impressão, por isto mesmo é considerado um exemplo de gravura experimental e um dos caminhos. O inconveniente desta técnica é que é necessário sempre um rolo-compressor para a produção da obra, o que é dispendioso. E este foi um dos motivos da união do grupo, pois seria mais barato assim dividir as despesas, na confecção da gravura.



Figura 31. ArtOrg. Gravura com Rolo-compressor, 2006.



Figura 32. ArtOrg. Colocando papel sobre o tapume, 2006.

A arte é um campo aberto para experimentações e a gravura não poderia deixar de acompanhar os rumos das transformações artísticas. O experimentalismo gráfico é um caminho cheio de riscos que os artistas correm, em sua identidade visual, porém cheio de possibilidades que antes eram de difícil aceitação. Existiram algumas tentativas de criação de ateliês de gravura experimental, como o que foi fundado pelo gravador Evandro Carlos Jardim, no Museu de Arte Moderna de São Paulo, chamado de *Ateliê Invisível*, onde todas as experimentações eram aceitas e incentivadas, porém não foi uma experiência duradoura. A gravura experimental se liberou dos tradicionais suportes do papel, que antes lhe eram impostos e incorporou o discurso das linguagens experimentais da arte contemporânea. Uma performance com uma bola de boliche gravada, que intintada se transforma em uma matriz, rolando displicente pelo papel e fazendo em seu caminho, uma gravação, é um claro exemplo de como a gravura experimental tem se desenvolvido neste início de século.

A gravura experimental implica em total liberdade temática e de ação e também um desapego às tradições. A experimentação gráfica é um dos caminhos que a gravura poderá seguir, pois sem as antigas regras que aprisionavam a gravura em papel e em suportes tradicionais, as investigações podem seguir com uma maior liberdade de expressão e criação. Este não é o único caminho que a gravura poderá tomar, existem outros como veremos a seguir, com a gravura digital ou infogravura, que é outra tendência entre os artistas gráficos.

I. 2. 2. A Gravura Digital ou Infogravura

Ao invés do buril, o mouse. A tinta também dá lugar às palhetas digitais de inúmeros recursos e disponíveis em softwares para computador. Com o uso destas ferramentas, que refletem a evolução artística dos trabalhos gráficos, geralmente utilizados para marketing, publicidade e merchandising, nasce a gravura eletrônica ou infogravura, que surge com a informática e são imagens criadas através da computação gráfica. Essa nova linguagem utiliza imagens fotográficas digitalizadas ou desenhos vetoriais produzidos em mesas digitalizadoras, podendo misturar os dois, que depois são impressas, utilizando impressoras laser ou plotter de impressão e em qualquer tipo de suporte, desde um freezer de cerveja até um Boeing.

Dependendo do artista, a infogravura também pode ser utilizada com técnicas de impressão em out-door ou qualquer outra forma de reprodução em série, que se utilize de meios digitais. Existem artistas da gravura tradicional que não consideram a infogravura

uma técnica de gravura, pois não percebem nela a interação do artista com a prensa e as ferramentas. Esta visão tende, com o passar dos anos, a diminuir ou mesmo desaparecer, pois a tecnologia digital, que permite a confecção das gravuras digitais, tem demonstrado potencial expressivo. Porém existem outros artistas que utilizam o computador como ferramenta na produção de gravuras experimentais, de infogravuras. As novas tecnologias de reprodução de imagens trouxeram uma nova percepção de imagens tanto comerciais quanto artísticas.

Artistas como Sante Scaldaferrri, que produz suas infogravuras ou *Inforgravuras*, (Figura 33) que é como ele prefere chamar, já que faz “*Gravuras de Informática*”, apesar de continuar com sua temática de *Ex-Votos*, que é peculiar em sua obra, desde os anos da década de 1950, pode agora experimentar possibilidades de texturas e cores inimagináveis em uma palheta de gravura tradicional, expandindo-se em novos territórios. É um dos poucos artistas baianos que utilizam esta técnica de gravura em sua obra. Porém não é o único artista da gravura baiana a utilizar o computador como ferramenta de trabalho. Sem ser um regionalista provinciano, mas numa constante renovação, une as linguagens contemporâneas, à proporção que vão surgindo, a uma temática brasileira de religiosidade e cultura popular, atingindo uma leitura universal com a realização de trabalhos possuidores de grande força e consegue ao mesmo tempo, manter a sua linguagem pessoal, criativa e inconfundível. É importante ressaltar que Sante não cessou seu interesse por novas ferramentas, para a realização de sua vasta obra. Por ser inquieto por natureza, sempre procurou perceber as novas tecnologias como uma aliada e jamais como uma concorrente e talvez por isso tenha se adaptado facilmente à gravura digital.



Figura 33. Scaldaferrri, *Perseguida pela sombra*, 2001. Infogravura.

Juarez Paraíso inicia suas experimentações com o computador como ferramenta de arte, no início dos anos da década de 1990, em rudimentares softwares de computação gráfica. Trocou a técnica do trabalho braçal da gravura pelo buril digital. Trabalhou as cores, as texturas e as sobreposições de imagens que seriam muito difíceis de conseguir manufaturadamente, mas com o auxílio do computador estavam ao alcance de um simples toque de botão. Juarez foi um dos pioneiros em trabalhar com a infogravura na Bahia, mostrando assim que após seu pioneirismo em colocar os clichês fotográficos na gravura, décadas atrás, continua sempre em sintonia com seu tempo, apontando caminhos futuros para a arte baiana.

Este artista consegue aliar a técnica à sensibilidade em sua gravura digital. Sempre foi um artista, que mostra o seu domínio técnico sobre as linguagens que trabalha. Ele não acredita em gravura digital, mas produz o que chama de *Arte Computacional* (Figura 34).

Trata-se, portanto, de arte digital, onde as imagens construídas pelo computador, ainda que com referências claras ao ambiente computacional, são passíveis de impressão e sua forma de percepção é pelo olhar. Talvez por ter tido uma formação acadêmica clássica, na Escola de Belas Artes, ele ainda insista em aceitar que o que produz é uma infogravura. Artista da segunda geração das artes plásticas modernas da Bahia, ele exerceu uma grande influência entre as muitas gerações que se seguiram, principalmente na gravura e na chamada gravura digital, não seria diferente. Atualmente empresta sua experiência não só como artista e professor do Mestrado em Artes Visuais da Escola de Belas Artes da Universidade Federal da Bahia, mas também como um historiador da arte baiana, já que é um dos seus máximos expoentes e fonte imprescindível para qualquer estudo e pesquisa sobre esta temática que se queira fazer.

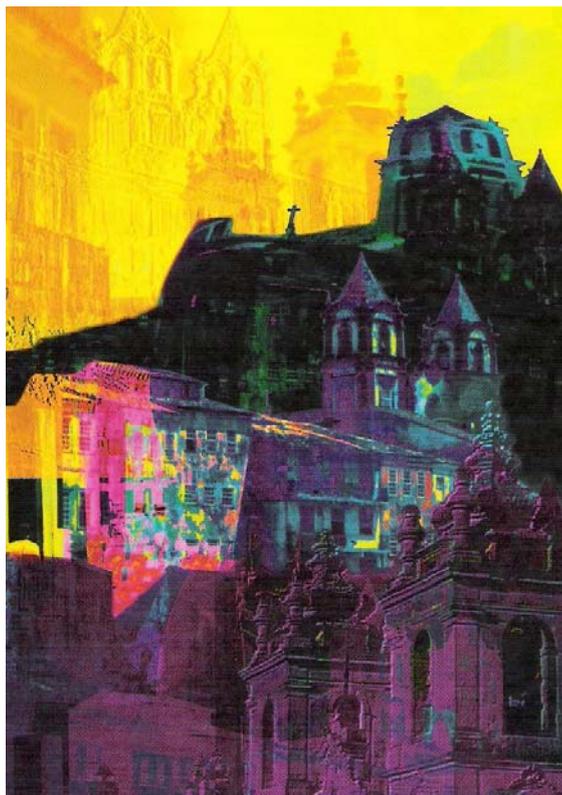


Figura 34. Paraíso, *Arte computacional*, 1995.

As experimentações com a gravura, que iniciaram de fato, no final dos anos da década de 1960 e início 1970, possibilitaram que as gerações de gravadores que vieram depois, passassem a ver o experimentalismo de uma forma comum e com esta relação com a gravura, aberta, foi possível que esta geração de artistas se libertasse dos suportes tradicionais, como o papel e passasse a experimentar possibilidades de suporte, inclusive a cidade.

No Brasil, as experiências com gravura ainda não despertaram muito o interesse dos artistas nem das instituições, sejam oficiais ou não, se comparado ao exterior. O fato é que até mesmo grandes exposições, como as bienais, os salões de gravura tradicional, até o momento não conseguiram se consolidar como instrumentos de afirmação da gravura que ainda não é totalmente aceita pelo mercado de arte. Isto se reflete na diminuta aceitação da gravura como técnica, em salões e bienais de arte contemporânea de um modo geral, que dão mais espaço para as novas mídias, como as vídeo-instalações e a vídeo-arte. Artistas que preferem se expressar em gravura tem um campo restrito para trabalhar no Brasil.

A gravura apesar de ser uma das técnicas mais antigas de expressão artística, é bastante versátil e mostrou que soube adaptar-se através dos séculos, a todas as novas

tecnologias de reprodução gráfica que surgiram, como a serigrafia, a litografia, a fotografia e depois, o computador. Agora com o advento das mídias digitais (Figura 35), mais uma vez a gravura mantém seu lugar de arte de reprodução, expressiva, que traz para si, a poesia comum às artes visuais.



Figura 35. Castro, *Parkplatz*, 2009. Infogravura.